

Atentados em Bombaim

Lições a retirar do novo *modus operandi* jihadista

*José Augusto do Vale Faria*¹

Quando falamos de países onde frequente e intensamente a incidência do terrorismo, acontece, nomeadamente o terrorismo, directa ou indirectamente, ligado à Al-Qaeda, podemos citar o Iraque, o Afeganistão e o Paquistão. Contudo, há muito tempo que a Índia está entre eles, mas o que acontece lá tem que atingir a mesma dimensão, ou aproximada, do que aconteceu entre 26 e 29 de Novembro em Bombaim (actualmente Mumbai)², para captar a atenção dos media e consequentemente, da opinião pública ocidental.³

Este artigo, elaborado apenas com recurso a fontes abertas, pretende descrever os recentes ataques terroristas em Bombaim, elencar as vulnerabilidades detectadas no sistema de segurança da Índia, o novo *modus operandi* jihadista, as implicações regionais, assim como, as lições e ensinamentos a retirar deste trágico incidente táctico-policial.

1. Situação

Entre 26 e 29 de Novembro de 2008, um ataque terrorista em Bombaim, matou 166 pessoas e feriu 304⁴, sendo referido como o “11 de Setembro da Índia”. Apesar das várias medidas implementadas, este não foi o primeiro ataque terrorista significativo na Índia, porquanto em Julho de 2006, o ataque ao comboio suburbano de Bombaim provocou 209 mortes, havendo utilização de armas não convencionais e, no passado mês de Julho de 2008, foram desencadeados pelo menos cento e vinte incidentes terroristas neste país asiático e, em Agosto cerca de noventa.⁵

Nestes períodos, o número de ataques, ultrapassaram mesmo os registados em qualquer um dos três países que são considerados os teatros de operações preferidos da actual actividade

terrorista. Apesar de não ser a primeira vez que terroristas desembarcaram por mar em Bombaim, alguns aspectos deste ataque foram significativos, nomeadamente o seu audacioso e ambicioso objectivo, a complexidade da operação, e a diversidade dos alvos.⁶

A prolongada natureza do episódio, que ultrapassou as sessenta horas, assim como o elevado número de mortes, produziu um evento trágico que focalizou a tenção do mundo comunicacional global. Considerando os anteriores ataques terroristas na Índia, não foi difícil situar a motivação deste ataque na contínua campanha terrorista islamista, havendo fortes indícios, desde o início que o grupo terrorista responsável pelo ataque seria o Lashkar e-Taiba (literalmente significa Exército do Bem, Exército dos Justos ou Exército dos Puros, conforme as traduções — também pronunciado e soletrado como Lashkar-i-Tayyaba, Lashkar-e-Tayyaba, Lashkar-e-Tayyiba, Lashkari-Taiba — daqui em diante LeT)⁷ um dos maiores, mais activo e mais letal dos grupos militantes no Sul da Ásia, com base no Paquistão.⁸

O conflito indo-paquistanês está inscrito no código genético do subcontinente, constituindo a disputa pela região de Caxemira, o alfa e o ómega da questão. Trata-se de uma região maioritariamente muçulmana que é governada pela maioria indiana “hindu”, cujo território é disputado pela Índia e pelo Paquistão, desde a independência de ambos, em 1947. Após a independência, cerca de 150 milhões de muçulmanos (14% da população) e a maioria hindu têm vivido em relativa harmonia. No entanto, desde 1989, a região Himalaia de Caxemira, dividida entre a Índia e o Paquistão desde a guerra de 1948, é confrontada com movimentos separatistas islâmicos.⁹

Este conflito que já fez mais de 68000 vítimas combina três dimensões: a territorial (entre a Índia e o Paquistão), a independência (em Jammu e Caxemira) e a religiosa (com os extremistas do Paquistão). O vizinho Punjab conhece perturbações provocadas há muito tempo pelos movimentos *sikhs* que pretendem criar um “Khalistan” independente. Embora a situação seja mais pacífica no nordeste da Índia, os movimentos maoistas separatistas e os muçulmanos ainda estão activos em sete estados, designados “Sete Irmãos”, particularmente em Assam.¹⁰

Hoje, a minoria muçulmana indiana sente-se discriminada. Na verdade, ela não está representada ao nível da sua dimensão, nas instâncias governamentais, legislativas e administrativas, particularmente no exército e na polícia. É verdade que os muçulmanos são vistos como cidadãos de segunda classe num país onde o conceito de castas permanece forte. No entanto, os islamistas radicais serão cerca de vinte mil, o que é um valor muito baixo em relação à dimensão desta comunidade.¹¹

Numa região onde o analfabetismo e a iliteracia imperam, muitas das madrassas¹² paquistanesas continuam a ensinar um islão obscurantista, semelhante ao que os taliban tentaram impor no Afeganistão e que é também, o projecto dos islamitas para Caxemira. Aliás, entre o Afeganistão e a Caxemira, são muitas as pontes e, não foi por acaso que o início da rebelião na Caxemira, em 1989, coincidiu com a retirada dos soviéticos do Afeganistão, abrindo uma janela de oportunidade para milhares de combatentes islamitas, muitos treinados já pela Al-Qaeda, os quais encontraram, não muito longe, um novo teatro de operações para a sua *jihad*.¹³

O LeT definiu como objectivos, libertar Caxemira, “islamizar” todo o sul da Ásia e desmantelar a Índia. Com a aproximação estratégica em curso entre Nova Deli, Washington e Telavive, o recente acordo de cooperação nuclear indo-americano, bem como o facto de Israel ser o segundo maior parceiro militar da Índia, é considerado pelos extremistas como a materialização de uma tripla aliança “americana-sionista-hindu” contra o Islão. Neste contexto, os atentados de Bombaim pretendem dirigir uma mensagem particular à nova administração americana, para se preparar para uma nova frente de batalha na Ásia.¹⁴ Numa simples análise pragmática, um ataque terrorista na Índia pode exacerbar os antagonismos existentes entre as comunidades hindus e muçulmanas e provocar represálias hindus, as quais geram divisões, rupturas e facilitam o recrutamento dos extremistas islâmicos.¹⁵

A luta em Caxemira foi sempre considerada pelo LeT como parte da luta global, daí a selecção específica de cidadãos americanos e britânicos como alvos de assassinato, e a inclusão do Centro Judaico Chabad, como um alvo principal – embora a maioria das fontes aleguem que os terroristas atingiram deliberadamente americanos e britânicos, outros, incluindo a *Jane's*,

sugerem que os tiroteios no hotel foram tão indiscriminados como aqueles no terminal ferroviário de Chhatrapathi Shivaji. Neste contexto, grupos como o LeT que combatem a soberania indiana sobre Caxemira, têm um historial de ataques a alvos civis e militares, desfrutando ao longo dos anos de claro apoio das autoridades paquistanesas, situação que os atentados de 11 de Setembro de 2001 e o conseqüente envolvimento dos Estados Unidos numa cruzada antiterrorista, vieram alterar, forçando o Paquistão a demarcar-se oficialmente dos aliados islamitas, ilegalizando várias organizações que usavam o seu território como base de treino e de operações.¹⁶

Porquê Bombaim?

Bombaim é a capital do estado de Maharashtra, uma cidade cosmopolita e de matriz ocidental, com aproximadamente dezanove milhões de habitantes, capital financeira, comercial e de entretenimento da Índia. É a quinta maior cidade do mundo e constitui um símbolo da prosperidade da Índia moderna o que explica o ódio que inspirou os jovens terroristas a disparar sobre centenas de pessoas. Na perspectiva conservadora islamista, esta versão asiática de Nova Iorque é um dos principais bastiões da cultura e do espírito liberal a abater na região, procurando opor-se assim à rápida ocidentalização do país. Nesta perspectiva, os hotéis Taj Mahal Palace e Oberoi Trident proporcionavam locais ideais para “campos de martírio” e últimos redutos. Como símbolos emblemáticos, especialmente o histórico Taj, muito frequentados por cidadãos estrangeiros e as elites locais, constituíam excelentes alvos remuneradores devido ao efeito psicológico que um ataque proporciona, e a presença de estrangeiros garantia a cobertura mediática internacional.¹⁷

Os sucessos dos ataques terroristas destinam-se não só a provocar o medo e a intranquilidade, mas são também uma fonte de inspiração para outras organizações terroristas e de atracção de novos recrutas, assim como, têm aumentado as tensões entre a Índia e o Paquistão, o que pode ter sido um dos objectivos estratégicos dos terroristas.

A perspectiva de outro confronto armado com a Índia ou a realização de acções directas contra supostos campos de treino terroristas no Paquistão provocaria raiva e reforçaria a linha dura no

Paquistão. Por outro lado, isto retirará a pressão sobre os terroristas localizados no Paquistão, forçando um reposicionamento das forças paquistanesas a partir da fronteira, nas áreas tribais com a Índia. Noutra perspectiva, a selecção de objectivos americanos, britânicos, e judeus, para além dos indianos, sugere que o LeT pretendeu que o ataque atingisse uma multiplicidade de objectivos que ultrapassavam o objectivo primordial do grupo – a Caxemira e a Índia.¹⁸

A mensagem para a Índia foi “o vosso governo não pode proteger-vos. Não existem lugares seguros”, assim como, a publicidade internacional, inevitavelmente, poderá resultar em viagens para a Índia, canceladas ou adiadas, com os consequentes prejuízos para a economia do país.¹⁹

Numa breve retrospectiva, recuámos até 1998, ano em que foi fundada por Osama bin Laden, a “Frente Islâmica Mundial²⁰ para a *jihad* contra os judeus e os cruzados”, sendo um dos fundadores o LeT.²¹

No início de Junho de 2007, num vídeo, Abu Asim al-Ibrahim apresentando-se como o porta-voz de Abu Abdul Rehman Ansariano, o suposto líder da Al-Qaeda na Índia (Al-Qaeda fil Hind), declarou a “guerra santa” contra o poder de Nova Deli. Para ele, o Estado de Jammu e Caxemira constituem apenas uma base para uma extensão da *jihad* para esta região. No mesmo ano, Bin Laden e Zawahiri declararam a *jihad* contra Nova Deli, dizendo que a Índia foi um dos principais apoios para o Estado de Israel.²²

A Índia constitui há muitos anos uma área de risco, cujo poder e unidade pode ser desestabilizada a longo prazo. Três estados têm interesses na questão:²³

- O Paquistão, que pretende recuperar Jammu e Caxemira;
- O Bangladesh, com os olhos nas províncias de Tripura, Manipur (onde também estão presentes os separatistas que desejam uma ligação a Myanmar) e Assam;
- A China que ocupa a província de Aksai Chin, reivindicada por Nova Deli (leste de Jammu e Caxemira) veria com bons olhos a aproximação das províncias de Arunachal Pradesh e Sikkim (movimentos maoistas também estão presentes em Assam).

2. O Ataque – *modus operandi* inovador

Como referiu o procurador indiano, no início do julgamento do único terrorista preso, o ataque a Bombaim foi meticulosamente preparado e impiedosamente executado.²⁴ Exigiu um planeamento rigoroso, um reconhecimento detalhado e uma profunda preparação, quer ao nível físico quer mental, condições que proporcionaram uma execução determinada e disciplinada dos terroristas, os quais actuaram com grande eficácia durante um período alargado de tempo, retirando vantagem do efeito surpresa que gerou enorme confusão e uma incapacidade esmagadora das autoridades.

O próprio *modus operandi* do ataque – um desembarque anfíbio – poderia colocá-lo, em termos de inovação, num patamar idêntico ao dos Tigres Tamil²⁵, conhecidos como alguns dos pioneiros e, talvez os maiores utilizadores, de bombistas suicidas.²⁶

Os terroristas podem inovar o seu *modus operandi*, através da introdução de mudanças nos métodos e procedimentos utilizados na selecção dos objectivos, contra os quais dirigem os seus ataques ou seleccionar o cenário em que vão ser perpetrados, entre outras formas de aumentar, se for esse o objectivo pretendido, o impacto dos mesmos, tanto a nível nacional como internacional. Neste sentido, os atentados em Bombaim, não foram tanto uma inovação nos métodos e procedimentos do comando terrorista – utilizaram explosivos, armas de fogo e granadas de mão, acompanhados da tomada de reféns, que infelizmente, constituem o histórico do terrorismo na Índia – contudo, podem ser considerados inovadores.²⁷

A natureza inovadora do que aconteceu entre 26 e 29 de Novembro em Bombaim, reside essencialmente na invulgar combinação destas modalidades e procedimentos numa área urbana e, ao longo de um período de tempo, superior ao habitual num único incidente terrorista, contra uma notável variedade de alvos pré-seleccionados, conjugado com o envolvimento de um número significativo de terroristas, empenhados numa série de ataques em série, devidamente coordenados, com a finalidade de aumentar a magnitude e intensidade dos mesmos e cujas consequências fossem devastadoras.²⁸

Nuno Rogeiro referiu que os jovens atacantes, treinados em guerrilha urbana e operações especiais, inauguraram uma nova forma de terror – “não mais o terror anónimo, feito de suicídios e bombas maciças, mas a guerra de rua, a tomada de espaços, a agitação. A escolha dos estrangeiros, dos símbolos de conforto, afluência, cultura e consumismo ocidentais, a busca de uma mensagem de intranquilidade, face ao mundo ‘desenvolvido’, mostraram muito mais do que um problema doméstico”.²⁹

Bruce Riedel, um proeminente *think tank* de Washington e especialista em terrorismo, disse que o ataque a Bombaim foi um evento seminal na história do terrorismo internacional e particularmente, na história da *jihad* global.³⁰

Olivier Guitta³¹, referiu no *Middle East Time* que os terroristas andaram em locais públicos de cara descoberta, dispararam indiscriminadamente com espingardas automáticas e pistolas-metralhadoras, lançaram granadas e fizeram reféns, durante cerca de 60 horas, sendo tudo documentado, em directo, pelas televisões de todo o mundo. Comparado com o clássico carro bomba ou ataque suicida, esta tática tem a vantagem de os terroristas permanecerem no topo da agenda e dos noticiários, durante muito mais tempo. Também tem um valor psicológico muito superior sobre a população: destrói o sentimento de segurança e transmite a sensação de que os terroristas podem atacar em qualquer lugar. Além disso, ao atacarem estrangeiros, os terroristas pretenderam criar pânico na comunidade ocidental e projectar uma imagem negativa da Índia e, ao abalar a confiança, mutilam a economia indiana e desviam o investimento estrangeiro.³²

O que é mais preocupante neste novo *modus operandi*, é que dez terroristas foram capazes de provocar tantos danos, matar tanta gente e manter refém uma megalópole³³ durante sessenta horas. Imagine-se o que seria se o efectivo do comando terrorista fosse de cinquenta, cem ou mais operacionais. O facto de a operação ter sido tão bem sucedida, do ponto de vista dos terroristas, poderá dar ideias para outros fazerem o mesmo na Europa, África ou mesmo nos Estados Unidos. Neste sentido, Peter Clarke, o antigo chefe da unidade anti-terrorista da Scotland Yard, alertou que existe um risco real de poder ocorrer, um ataque ao estilo de Bombaim, na Grã-Bretanha.³⁴

2.a. Planeamento e Reconhecimento

A concepção, planificação e execução de uma série de atentados, como os de Bombaim, não está ao alcance de qualquer grupo terrorista, muito menos ainda de células locais independentes. A complexidade da operação exigiu uma preparação cuidadosa, revelando um excelente planeamento e coordenação, desde o local de infiltração e desembarque, incluindo os itinerários através da cidade – percorridos em período nocturno –, até ao objectivo final. Testemunhas no hotel Taj indicaram que os terroristas sabiam deslocar-se através de portas ocultas e corredores do hotel. De acordo com outro relatório, os terroristas tinham um esquema detalhado da planta do hotel. Corroborando estas notícias, as autoridades indianas indicaram que em Fevereiro de 2008, detiveram Faheem Ahmed Ansari³⁵, no estado de Uttar Pradesh – norte da Índia, que possuía desenhos de vários locais de Bombaim, alguns dos quais foram objectivos no ataque de Novembro de 2008. Este detido disse que iniciou o seu reconhecimento no final de 2007, pelo que o planeamento para o ataque propriamente dito, terá sido iniciado em meados desse ano, o que é coerente com a fita do tempo de outras operações terroristas de grande escala.³⁶

Esta informação era consistente, porque existem fortes indícios que dois operacionais ocuparam o quarto 630 do hotel Taj Mahal, quatro dias antes da chegada do comando terrorista, funcionado como comité de recepção para o comando que provavelmente vinha com mochilas carregadas de armas, munições e explosivos. Oito activistas fizeram-se passar por estudantes malaios, alugaram uma casa no bairro de Colaba, vários meses antes do início da operação, para executarem o reconhecimento dos itinerários e dos objectivos.³⁷

2.b. Formação e treino

O inquérito revelou que os terroristas envolvidos no ataque a Bombaim foram submetidos a um rigoroso, disciplinado e árduo cronograma de treino. O treino constituiu um componente muito importante do projecto de conspiração e foi vital para a execução bem sucedida do ataque a Bombaim, sendo os dez elementos que integraram o comando terrorista escolhidos a dedo.³⁸

O treino do comando terrorista foi realizado em módulos, ministrados de forma gradual, em Muridke, Manshera, Muzaffarabad, Azizabad e Paanch Teni – locais situados no Paquistão e na região de Caxemira administrada pelo Paquistão.³⁹ Segundo Alain Rodier, os terroristas receberam treino militar, individual e colectivo, pelo menos durante seis meses, em dois campos de formação no Punjab (Mansera e Shawai perto de Muzzarafabad).⁴⁰

O único sobrevivente terrorista, revelou que quem treinou o comando terrorista foi Abdul Rahman, um ex-militar, popularmente conhecido por *Chacha*. “O treino esteve dividido em sete fases, com os formandos a evoluírem para a fase seguinte só após concluírem, com sucesso, o módulo de formação em que se encontravam: a primeira fase foi de intenso trabalho físico, durante um período de três meses, que incluía corridas de dez a quinze quilómetros de distância. Os três meses seguintes destinaram-se a treino marítimo, como nadar e mergulhar, em zonas de alto mar. O resto destinou-se ao treino com armas e munições”.⁴¹

Na execução do ataque, os elementos do comando terrorista fizeram uma demonstração cabal da formação obtida. Dispararam em rajadas curtas e precisas, de seguida recarregavam calmamente as armas, assim como, deixaram vários cadáveres armadilhados com granadas, continuando a carnificina conforme o planeado. Além disso, resistiram de forma disciplinada, organizada e estruturada, ao longo dos confrontos com as forças de segurança indianas.⁴²

Foram doutrinados nos princípios da *jihad* e da recitação do Alcorão. Os formadores foram Abu Fahadullah, Abu Mufti Saeed, Abu Abdurrehman, Abu Maavia, Abu Anis, Abu Bashir, Abu Hanjla Pathan, Abu Saria, Abu Saif-ur-Rehman, Abu Imran, Zaki-ur-Rehman, Hakim Saheb, Hafiz Saeed, Kaahfa, Abu Hamza, entre outros, sendo cada um especialista em áreas específicas, para aumentar o nível da instrução e a eficácia operacional.⁴³

2.c. Desembarque por Mar

Os atacantes de Bombaim chegaram por mar, navegando ao longo de 582 milhas náuticas num navio cargueiro paquistanês desde Karachi. Em 22 ou 23 de Novembro de 2008, desviaram

um arrastão de pesca indiano, o M. V. Kuber, tendo assassinado a sua tripulação, excepto o capitão, o qual viria a ser decapitado, por Azam Kasab, já próximo do destino.⁴⁴

Cerca das 16 horas, do dia 26 de Novembro, o Kuber estava a cerca de quatro ou cinco milhas náuticas da costa de Bombaim e, após contactos através de telefone satélite, com a célula dirigente no Paquistão, os atacantes embarcaram em dois pequenos botes insufláveis, desembarcando entre as 20H30 e as 21 horas locais, em dois pontos diferentes na doca de Sassoon – a maior de Bombaim, situada em Badhwar Park – Colaba⁴⁵, zona sul da cidade.⁴⁶

A infiltração marítima permitiu aos terroristas evitar os postos de controlo (checkpoints) indianos na fronteira ou nos aeroportos, assim como, ao navegarem numa embarcação indiana, não despertaram a suspeita da guarda costeira indiana.⁴⁷

2.d. Quem eram os terroristas

Ainda sabemos muito pouco sobre os próprios terroristas. Os dez atacantes, todos com cerca de vinte anos⁴⁸, eram todos paquistaneses, falavam urdu, hindu e alguns, inglês⁴⁹ e podem ter sido assistidos localmente, possivelmente por indianos, que contribuíram para o reconhecimento e com fornecimentos preposicionados. O único sobrevivente é um jovem paquistanês, Azam Amir Kasab⁵⁰ (também designado Ajmal Amir Kasav ou Azam Ameer Qasab, de acordo com a transcrição das fontes)⁵¹ de 21 anos, natural da localidade de Faridkot (distrito de Okara) no Punjab – Paquistão, o qual estava ligado à pequena criminalidade antes de ser recrutado para a causa *jihadista*. Azam Kasab afirmou que havia sido prometida uma recompensa à sua família de 1.250 dólares – cerca de 985 euros – se morresse em combate pelo Islão.⁵²

Azam Kasab revelou a identidade dos outros nove terroristas que o acompanharam a Bombaim, com idades compreendidas entre vinte e vinte e oito anos. Tratava-se de, Soheb de 20 anos, Chota Abdul Rahman de 21, Umar 22, Abu Ali 23, Fahadullah 24, Ismail Khan 25, Bada Abdul Rahman 25, Abu Akasha 26 e Umair 28.⁵³

O responsável policial pela investigação dos ataques a Bombaim, Rakesh Maria, revelou numa conferência de imprensa as imagens e a identificação dos atacantes. **Amir** era procedente da localidade paquistanesa de Faridkot (distrito de Okara), atacou a estação ferroviária de Chhatrapati Shivaji, juntamente com **Ismail Khan**, que era originário do distrito de Dera, no noroeste paquistanês. Khan seria o chefe do comando terrorista. Entre os terroristas que assaltaram o luxuoso hotel Taj encontrava-se **Hafiz Arshad**, aliás Bada Abdul Rehman, originário da cidade de Multán; **Shoaib**, aliás Soheb, da localidade de Sialkot; **Javed**, também chamado Abú Alí, e **Kasab** ambos do distrito de Okara. Os responsáveis pelo ataque ao centro judeu de Nariman foram **Nasir**, também conhecido como Abú Umar, e **Babar Imran**, aliás Abú Akasha, ambos procedentes de Multán. Também era de Multán um dos terroristas que atacou o hotel Oberoi Trident, **Abdul Rehman**, aliás *chhota* (pequeno), e **Fahadulá**, também conhecido como Abú Fahad, do distrito de Okara.⁵⁴

O terrorista sobrevivente sabia pouco sobre os seus companheiros, referindo que os membros do comando foram isolados uns dos outros, durante a maior parte da preparação para a missão. Segundo outro relatório não confirmado, alguns dos terroristas tinham chegado a Bombaim, em missão de reconhecimento algum tempo antes do ataque, sob o disfarce de estudantes. Alguns referem que pelo menos alguns membros do comando terrorista podem ter estado no local, cerca de dois meses antes do ataque, fazendo reconhecimentos e aprovisionando munições. Contudo, fontes de um jornal indiano indicam que os dez elementos chegaram de barco na noite dos atentados.⁵⁵

O terrorista sobrevivente, nos interrogatórios, aparentemente foi capaz de identificar rapidamente um dos principais líderes do LeT, o que revela uma violação de segurança se o grupo pretendia camuflar o seu envolvimento nesta acção terrorista.⁵⁶

O LeT foi fundado por Hafiz Muhammad Sayed e Zafar Iqbal, em 1989, na província de Kunar – Afeganistão, tendo o seu núcleo central “aquartelado” em Muridke, nas imediações de Lahore no Paquistão.⁵⁷ Actualmente é liderado por Hafiz Muhammad Sayed e coadjuvado por Zaki-Ur-Rehman Lakhvi (chefe das operações contra a Índia), sendo ambos acusados de participar no ataque a Bombaim, especialmente porque Lakhvi é um especialista em guerrilha

urbana, tendo enviado muitos *jihadistas* para combater na Chechénia, Bósnia, Iraque, Sudeste Asiático e mais recentemente, para o Afeganistão.⁵⁸

O chefe directo da operação teria sido Muzammil Yusuf, o comandante operacional do LeT na região de Caxemira.⁵⁹

Haji Mohammed Ashraf é o responsável pelos recursos financeiros, sendo o cidadão saudita Mahmoud Mohammed Bahaziq, o grande financiador do grupo.⁶⁰

Lakhvi veio a ser detido durante uma operação policial, num acampamento nos arredores de Muzaffarabad, capital da região da Caxemira controlada pelo Paquistão. Posteriormente a Polícia de Bombaim identificou mais dois formadores do comando terrorista: Abu Hamza e um homem conhecido apenas como Khafa.⁶¹ Abu Hamza ministrou a formação marítima, de explosivos e armamento. Khafa ajudou os terroristas a familiarizarem-se com os seus objectivos nos últimos três meses da formação, em Azizabad, no Paquistão. Contudo, a principal figura em toda a preparação para o ataque terrorista foi Lakhvi, o qual esteve presente durante toda a formação e viajou com o comando terrorista pela costa paquistanesa antes de rumarem para Bombaim.⁶²

Cocaína e LSD para matarem durante mais de 50 horas.

Os elementos do comando terrorista tomaram esteróides⁶³, cocaína⁶⁴ e LSD⁶⁵ (acrónimo de *Lysergsäurediethylamid*, palavra alemã para a dietilamida do ácido lisérgico, que é uma das mais potentes substâncias alucinógenas conhecidas) para se manterem alerta, despertos e aguentarem o mais possível (refira-se que as drogas são consideradas quase de uso geral entre alguns trabalhadores indianos, como os camionistas, pessoal afecto à segurança, etc.).⁶⁶

Fontes policiais informaram que foram encontrados nos diferentes cenários do ataque, toda uma parafernália relacionada com este consumo, incluindo seringas, e no sangue dos corpos analisados existiam vestígios delas. Desta forma conseguiram estar mais de cinquenta horas sem comer, sem dormir e sem parar de matar, apesar de muitos deles terem sido feridos.⁶⁷

2.e. G nese e ideologia do Lashkar-e-Taiba

Segundo Raja Karthikeya, o LeT surgiu em meados dos anos 1990 como o braço militante do *Markaz Dawatul Irshad*, uma organização islamista fundada no final dos anos 1980 por Hafiz Mohammed Saeed, um professor de teologia no Punjab Engineering College. O grupo cresceu em importância após o serviço de informações do Paquistão (Inter Services Intelligence, daqui em diante ISI) ter decidido no início de 1990, deixar de apoiar os grupos que lutavam por uma Caxemira independente (como a frente de Libertação de Jammu e Caxemira), para patrocinar os grupos que defendiam a anexação de Caxemira pelo Paquistão.⁶⁸

Inicialmente, os seus membros eram predominantemente paquistaneses, da província de Punjab, não pertencendo à etnia dominante em Caxemira. Esta realidade colocou-o em contradição, em termos estritamente ideológicos, com o dogma de Maulana Mawdudi, o fundador do Jamat-e-Islami e do islamismo político no Paquistão. Os recrutas do LeT são na sua maioria, da classe média e baixa e uma esmagadora maioria tem formação universitária. Contudo a maioria dos jovens não aderem ao Lashkar para seguirem uma carreira no terrorismo. Esta é motivada em partes iguais, por convicções religiosas, um desejo de aventura e um objectivo. A maioria dos recrutas sai, após dois anos de luta do outro lado da fronteira, para regressar ao Paquistão e prosseguir outras carreiras.⁶⁹

Em 1994, os grupos pró-Paquistão que combatiam em Caxemira, organizaram-se no Conselho Unido para a Jihad, e durante anos consideravam o LeT uma anomalia. Quando este aderiu ao Conselho em 2003, o grupo foi constante e persistentemente, infiltrando e diluindo a agenda do Conselho que evoluiu da luta pela independência para a ligação ao Paquistão. Acredita-se que esta evolução tenha causado a divisão entre os partidos políticos de Caxemira que advogavam a secessão da Índia e o movimento militante paralelo. Do ponto de vista ideológico, o LeT é único no Paquistão, tendo a sua g nese no grupo Jamaat-Ahl-e-Hadith e não do Deobandi, como a maioria dos grupos militantes no pa s⁷⁰, e pratica a ideologia salafista jihadista⁷¹.

Estes movimentos estabelecem ligações operacionais e logísticas, uns com os outros, sob o “guarda-chuva” da Al-Qaeda.⁷²

Antes do ataque a Bombaim, o Lashkar-e-Taiba não era muito conhecido no Ocidente. No entanto, o grupo tem surgido no “radar do ocidente” ao longo da última década. Desde logo, quando em 1998 a administração Clinton, lançou mísseis de cruzeiro contra o Afeganistão, controlado pelos taliban, como retaliação pelos ataques contra as embaixadas na África Oriental (Quênia e Tanzânia), que atingiram campos de treino do LeT. Em 2003, o FBI indiciou onze membros do LeT de treinarem para a jihad em campos de *paintball*, na Virgínia, Estados Unidos. Em 2004, a Austrália após a detenção de um membro do grupo – de origem francesa –, pelo planeamento do ataque a vários alvos no país, proibiu rapidamente o grupo.⁷³

O britânico Rashid Rauf, principal acusado da conspiração para fazer explodir aviões transatlânticos em pleno voo, em 2006, poderá ter sido um dos recrutados do LeT⁷⁴, o qual viria a ser eliminado num ataque norte-americano, com mísseis *Hellfire* lançados de aviões não tripulados, no norte do Waziristão (região montanhosa localizada nas Áreas Tribais do noroeste do Paquistão e que faz fronteira com o Afeganistão), em 22 de Novembro de 2008.⁷⁵

2.e. Elevado Poder de fogo

Os terroristas estavam fortemente armados. Cada um transportava uma espingarda-automática AK-56 (a versão chinesa da espingarda-automática russa Kalashnikov AK-47) com oito carregadores (cada um com trinta munições).⁷⁶

Os terroristas também utilizaram pistolas-metralhadoras Heckler & Koch MP5, mas estas poderão ter sido retiradas a elementos das forças de segurança indianos, mortos ou feridos. Os atacantes estavam armados, individualmente, com pistolas de calibre 9 mm, com dois carregadores com sete munições e, entre oito a dez granadas de mão “ARGES”, de fabrico paquistanês, similares às utilizadas noutros ataques, como em Bombaim a 12 de Março de 1993 e no ataque ao Parlamento Indiano, em Nova Deli, em 13 de Dezembro de 2001.⁷⁷

Também tinham engenhos com explosivos improvisados. Cada um era composto por cerca de oito quilos de RDX (*Research Department X* ou ciclotrimetilenotrinitramina - explosivo de elevada potência) e rolamentos para provocar estilhaços, um cronómetro digital, e uma bateria de 9 volts. Cinco destes engenhos foram localizados, dois foram deixados para trás nos táxis utilizados pelos atacantes, e três outros foram deixados noutras locais ao longo do percurso, para detonarem mais tarde, gerando maior confusão.⁷⁸

Os dois dispositivos deixados nos táxis explodiram, os outros falharam ou foram inactivados por elementos das unidades de inactivação de engenhos explosivos indianos. Existem diferentes informações relativas ao apoio ter sido preposicionado. De acordo com um relato, comandos indianos descobriram uma mochila no hotel Taj contendo sete carregadores de Kalashnikov AK-47, devidamente carregados, 400 munições sobressalentes, quatro granadas de mão, e vários documentos. Não é claro se a mochila tinha sido transportada por um dos atacantes eliminados.⁷⁹

2.f. Tácticas

O ataque foi sequencial e com elevada mobilidade. Várias equipas atacaram vários objectivos, simultaneamente, combinando assaltos armados, carjackings⁸⁰, fogo e movimento, utilização de engenhos explosivos improvisados pré-concebidos, assassinatos selectivos (pólicas e determinados cidadãos estrangeiros), conseguindo montar barricadas e fazer reféns.⁸¹

Embora esta manobra constitua uma ruptura com o *modus operandi* habitual dos ataques suicidas associados aos grupos jihadistas, esta não foi a primeira vez em que se utilizou esta modalidade de atentado, porquanto os assaltos armados, têm amplos precedentes nos anais do terrorismo, como o ataque ao Aeroporto de Lod – Israel, em 1972, em que três membros do Exército Vermelho Japonês abriram fogo e lançaram granadas de mão contra passageiros. As barricadas e situações com reféns foram comuns durante a década de 1970 e, mais recentemente, grupos chechenos executaram várias operações com tomada de reféns em várias cidades russas – Buddyonovsh (1995), Kizlyar (1996), Moscovo (teatro Dubrovka, 2002) ou Beslan (escola, 2004) – contudo em Bombaim, a novidade, foi a combinação de tácticas.⁸²

Foi uma operação complicada e multifacetada. Ao constituírem equipas separadas que se deslocavam rapidamente de objectivo para objectivo, os terroristas conseguiram espalhar a confusão e criar a impressão de terem um efectivo considerável, para o que também terá contribuído inicialmente, os relatos dos órgãos de comunicação social que consistentemente, sobrestimaram aquilo que posteriormente se apurou acerca da dimensão do comando terrorista. Os múltiplos ataques em diferentes locais impediram as autoridades de desenvolver uma avaliação global da situação e as forças de segurança, tiveram dificuldades similares, porventura ainda mais complicadas, devido às informações menos correctas que evoluíram com a resposta ao ataque terrorista. A pequena dimensão de cada equipa de ataque terrorista – dois a quatro homens – limitava a sua capacidade em qualquer acção directa com as forças de segurança. Neste sentido, sempre que enfrentaram uma oposição mais forte, romperam o contacto e seguiram para outro alvo.⁸³

Numa breve retrospectiva da actuação do LeT nos seus primórdios, utilizava uma tática simples e inovadora para espalhar o terror – realizava ataques suicidas a locais seguros, através de homens armados que irrompiam furtivamente com grande poder de fogo – ‘chuva de granadas e tiros’. Pretendiam controlar temporariamente uma área, sem expectativa de regresso e com a certeza da morte, no provável combate que se seguiria com as forças de segurança, constituindo o assalto ao quartel da Força de Segurança de Fronteiras, em 1999, em Bandipora – Jammu e Caxemira, o primeiro exemplo deste tipo de ataque.⁸⁴

2.g. Quatro equipas de assalto

Os terroristas dividiram-se em quatro equipas de assalto, uma com quatro homens e as restantes com dois membros cada. Após o desembarque em Bombaim, os terroristas atacaram de imediato a esquadra da polícia de Colaba, possivelmente com o grupo ainda compacto – anulando o centro de comando e controlo local, o que dificultou a capacidade de resposta da polícia.⁸⁵

De seguida, uma equipa de dois homens tomou um táxi para o terminal de Chhatrapati Shivaji, principal estação ferroviária de Bombaim, onde abriram fogo sobre os passageiros.

Surpreendentemente, os dois foram capazes de vaguear pela estação e matar durante noventa minutos, indiscriminadamente, antes de chegarem mais reforços policiais que os forçaram a deixar a estação.⁸⁶

Embora os ataques a outros alvos fossem destinados a matar estrangeiros, o ataque à estação de comboios visava matar cidadãos comuns indianos. Matar com aparente impunidade pareceu destinar-se a incutir medo e pavor na mente das centenas de milhares de pessoas que utilizam a estação para o seu transporte diário. Os terroristas, em seguida, dirigiram-se para o Hospital Cama & Albles, onde continuaram o massacre. Escaparam de novo com um carro da polícia que haviam emboscado e roubado, seguindo em direcção do hotel Oberoi Trident, disparando ao longo do caminho. Forçados a voltar para trás, roubaram outro veículo, mas acabaram por ser interceptados pela polícia. No tiroteio subsequente, um terrorista foi morto e o segundo foi ferido e capturado. Esta equipa sozinha foi responsável por um terço das mortes.⁸⁷

A segunda equipa, dirigiu-se para Nariman House, um complexo residencial e comercial, com uma sinagoga e um centro educativo ultra-ortodoxo, gerido pelo movimento judaico Chabad Lubavich. Lançaram granadas para um posto de gasolina do outro lado da rua do complexo, abriram fogo sobre o edifício e, em seguida, entraram pelo hall aos tiros. Fizeram treze reféns, cinco dos quais foram posteriormente assassinados, preparando-se para o assalto da polícia. Esta equipa representou oito do total de mortes.⁸⁸

A terceira equipa de dois elementos seguiu do local de desembarque para o hotel Oberoi Trident, onde começou a matar pessoas indiscriminadamente. Num telefonema para a imprensa, alegaram que estavam sete terroristas no prédio e exigiram que a Índia ordenasse a libertação de todos os *mujahedin*⁸⁹ presos em troca da libertação dos reféns. O cerco continuou aproximadamente durante dezassete horas, terminando com a eliminação dos terroristas. Neste espaço temporal os terroristas assassinaram 30 pessoas.⁹⁰

A quarta e maior equipa, dirigiu-se para o hotel Taj Mahal Palace. Quando passaram pelo Café Leopold, pulverizaram os utentes com fogo de armas automáticas, matando dez pessoas. Depois entraram no hotel, percorreram o rés-do-chão e a cave, continuando a matar ao longo

do caminho, subindo posteriormente para os andares superiores, disparando e movimentando-se constantemente, a fim de confundir e atrasar as forças de segurança. O cerco ao Taj terminou 60 horas depois, quando comandos indianos eliminaram o último dos quatro terroristas.⁹¹

A dispersão do comando terrorista em quatro equipas separadas, teve como intenção a redução do risco operacional, porquanto, logo que o ataque começou, o fracasso ou a eliminação de uma única equipa não colocaria as outras fora de acção, sendo a infiltração marítima até Bombaim, o único momento vulnerável no decorrer de toda a operação.

Este padrão particular da operação em que os atacantes penetraram profundamente no alvo e mataram o maior número possível de pessoas, era uma marca dos ataques do LeT, às forças indianas estacionadas em Caxemira.⁹²

2.h. Massacre ou Cerco?

O propósito dos atacantes, tal como indicou o testemunho do único terrorista sobrevivente, era matar o maior número possível de pessoas.⁹³ Contudo, há alguma incerteza que o massacre fosse apenas o único objectivo dos mentores da operação. Se compararmos o ataque a Bombaim em 2008, com o ataque ao comboio de 2006, em que sete bombas mataram 209 pessoas, ou o ataque de 1993 a Bombaim, no qual morreram 257 pessoas em 13 explosões por toda a cidade, parece que as bombas teriam sido mais eficazes se o único critério fosse contar cadáveres.⁹⁴

Ataques indiscriminados, como os atentados dos bombistas suicidas de Londres e Madrid, têm sido criticados, mesmo por alguns jihadistas que os consideram contrários ao código de guerra islâmico. Neste sentido, o ataque de 2008 parece ser mais selectivo, embora a grande maioria das vítimas de Bombaim fossem cidadãos comuns indianos, assassinados aleatoriamente. Esta pretensa selectividade foi sublinhada pelos terroristas na suposta busca de americanos e britânicos, pelo brutal assassinato no Centro Chabad, e pela decisão de matar alguns reféns.⁹⁵

A segurança pode ter sido outro factor. Com base nos padrões de anteriores ataques terroristas, as autoridades indianas focalizaram-se em ataques com carros-bomba em hotéis, assim como, ao nível da segurança ferroviária, preocupou-se em tentar evitar atentados à bomba contra os comboios e não com assaltantes armados fora das estações ferroviárias.⁹⁶

Um ataque armado também poderia ter sido mais atraente para os atacantes do que atentados suicidas, contudo quando abriram fogo, o seu destino foi traçado, mas o carácter prolongado da operação permitiu-lhes executar um massacre sustentado onde puderam ver a evolução dos resultados. Ainda que se considerassem mártires, nas suas próprias mentes, também poderiam ver-se mais como guerreiros do que meros detonadores de bombistas suicidas.⁹⁷

2.i. Objectivos

Os terroristas tinham um bom conhecimento do terreno e dos objectivos, os quais estavam situados num raio inferior a três quilómetros, constituindo alvos fáceis.

Em nenhum momento durante o ataque os terroristas tiveram de enfrentar guardas armados com capacidade de resposta. Na sua maioria, os terroristas atacaram alvos desprotegidos e, mesmo em locais onde poderiam esperar forças de segurança, o reconhecimento prévio informou-os que essas forças estariam com armamento ligeiro e seriam facilmente ultrapassadas ou eliminadas.⁹⁸

Os principais objectivos incluíam:

- A movimentadíssima estação central de comboios de Chhatrapathi Shivaji – um dos terminais com mais movimento do país e património mundial da UNESCO. O enorme edifício funde arquitectura britânica e indiana (abriu em 1888), e impressiona pela cúpula e torreões;⁹⁹
- O Hospital Cama & Albles;
- O Café Leopold que abriu em 1871 e era um local popular para turistas, estrangeiros e também entre os artistas;¹⁰⁰

- Nariman House, um edifício de cinco andares adquirido há cerca de dois anos por uma organização judaica ortodoxa, designada Chabad House (Centro Chabad Lubavich),
- Os hotéis Oberoi Trident e o Taj Mahal Palace, o último objectivo destinado à equipa de quatro elementos. Provavelmente um dos objectivos da operação – que felizmente não foi alcançado – seria a explosão do hotel.¹⁰¹ Os dois hotéis atingidos eram hotéis de elites: o Taj Mahal, construído em 1903, orgulha-se de ter hospedado “marajás, príncipes e vários reis”, como se diz no seu sítio na internet. O hotel foi construído pelo fundador do Tata Group e “pai da indústria indiana”, Jamsetji Nusserwanji Tata. O Taj Mahal e a sua arquitectura indo-islâmica constituem “um tributo vivo à natureza cosmopolita de Bombaim e ao seu espírito dinâmico”.¹⁰²

Os outros alvos atacados ao longo do percurso, como o cinema Metro (abriu em 1938 com uma arquitectura art-déco, e apesar de já mostrar produções de Bollywood ainda exhibe filmes ocidentais, sendo entretanto transformado num multiplex)¹⁰³ foram alvos de oportunidade.¹⁰⁴

Pondo de lado os disparos realizados a partir de um veículo em movimento, a estação de caminho de ferro e os dois hotéis deram a oportunidade para se alcançar um elevado número de baixas. O café Leopold e os hotéis foram locais dramáticos para a realização do ataque – proporcionando o “valor emocional” procurado pelos terroristas.¹⁰⁵

O massacre no Centro Chabad tinha a sua própria lógica, de acordo com transcrições dos telefonemas entre os terroristas e os seus mentores durante o ataque, os terroristas foram instruídos para matar os judeus reféns, com o objectivo de “deteriorar as relações entre a Índia e Israel”.¹⁰⁶

Jovens num café frequentado por turistas e artistas, hóspedes de uma obra-prima de arquitectura indo-islâmica, empresários em negócios num hotel de luxo, transeuntes numa estação de comboios que é património mundial da UNESCO, espectadores de um cinema art-déco que exhibe filmes ocidentais e produções de Bollywood: foram estas as vítimas e os alvos de um ataque que quis atingir o dinheiro, o luxo e a presença ocidental em Bombaim.¹⁰⁷

2.j. Comunicações – Novas tecnologias ao serviço do terror

Os atacantes tinham por equipa, um sistema de posicionamento global (do acrónimo inglês *Global Positioning System*, vulgo GPS), individualmente tinham telefones móveis *Nokia* e um telefone via satélite para o comando, incluindo telemóveis de última geração *Blackberries*¹⁰⁸.

Um ataque cuidadosamente planeado, como o de Bombaim, teria exigido qualquer comunicação entre os terroristas e as suas sedes e, de acordo com um dossier difundido pelas autoridades indianas, durante o ataque os terroristas mantiveram contactos frequentes com os seus mentores, sedeados no Paquistão.¹⁰⁹

Nas transcrições dessas chamadas telefónicas, interceptadas pelas autoridades indianas e difundidas¹¹⁰ no início de Janeiro de 2009, os líderes no Paquistão instaram os atacantes a continuar, exortando-os a matar, recordando-lhes que o prestígio do Islão estava em jogo, e davam-lhes conselhos tácticos, em parte adquiridos a partir da assistência ao vivo, da cobertura do evento pela televisão. Apesar destas exortações para assassinar reféns e não serem capturados vivos, alguns observadores acreditam – e existem relatórios em que os terroristas sobreviventes pensam – que os atacantes sentiram que de alguma forma poderiam sair vivos.¹¹¹

Os terroristas durante as operações, falaram uns com os outros para delinear a sua capacidade de manobra, assim como, falaram com a imprensa através de telefones móveis para fazer exigências, como a troca da libertação de reféns. Isto levou as autoridades indianas a pensar que estavam a lidar com uma situação típica de reféns, o que ainda confundiu a sua resposta táctica.¹¹²

2.k. Cultura Estratégica Terrorista

O ataque a Bombaim demonstrou que as organizações *jihadistas* com base no Paquistão têm capacidade para planear e lançar operações terroristas ambiciosas, pelo menos em países vizinhos. Além da Índia, o ataque terrorista a Bombaim revelou uma cultura estratégica que reflectidamente identifica objectivos estratégicos e meios para alcançá-los, tendo analisado

previamente as medidas contraterroristas, desenvolvendo procedimentos para as minimizar e tentar realizar um ataque com a ‘qualidade’ do 11 de Setembro.¹¹³

Durante cerca de sessenta horas, os terroristas mantiveram uma metrópole com quase dezanove milhões de habitantes num impasse, enquanto o mundo parecia observar. Este ataque dominou todos os noticiários durante aproximadamente setenta e duas horas, de uma forma ininterrupta - o que era sem dúvida, um dos objectivos pretendidos pela organização terrorista -, o que exceptuando a cobertura dos atentados de 11 de Setembro, o mundo nunca assistiu a uma cobertura global desta envergadura.¹¹⁴

O historiador Eric Hobsbawm diz que “o alcance da televisão criou acções politicamente mais eficazes, cujo objectivo não era atingir os decisores, mas sim alcançar um impacto mediático significativo” e neste sentido refere que “um dos sinais de barbárie é o facto de os terroristas terem descoberto que, desde que esteja ao alcance dos ecrãs de todo o mundo, o assassínio em massa de homens e mulheres insignificantes tem maior valor noticioso do que os mais celebrados ou simbólicos alvos para as suas bombas.”¹¹⁵

Com esta operação em Bombaim o LeT colocou em prática a sua retórica, ou seja colocou a disputa de Caxemira no centro da *ji*had internacional, assim como, emergiu como uma constelação independente na galáxia da *ji*had global, deixando de ser apenas mais uma filial da Al-Qaeda. Na verdade, com a redução das capacidades operacionais do núcleo central da Al-Qaeda, o ataque a Bombaim fez do LeT um actor global independente.¹¹⁶

3. A Resposta da Índia

A resposta do governo indiano ao ataque a Bombaim destacou as principais vulnerabilidades nas estruturas de segurança, protecção e defesa que seguidamente se descrevem, num país com mais de mil milhões de pessoas, dezenas de etnias, castas devidamente ordenadas e religiões, dezoito línguas oficiais e mais de trinta estados e regiões, muitos deles palcos de conflitos armados.¹¹⁷

3.a. Falhas no Sistema de Informações.

Funcionários dos serviços de informações receberam avisos prévios das suas próprias fontes e dos Estados Unidos que referiam ser provável um grande ataque, mas a falta de especificidade e a incerteza acerca da ameaça parecem ter impedido respostas específicas.¹¹⁸

Contudo, parece ter havido pouca coordenação entre os serviços centrais de segurança – a Unidade de Investigação e Análise (*Research and Analises Wing*, serviço de informações externo, daqui em diante RAW) a Unidade de Informações (*Intelligence Bureau*, serviço de informações interno, daqui em diante IB) – e a polícia local de Bombaim.

Embora a Unidade de Investigação e Análise tenha interceptado uma conversa sobre um possível ataque do LeT a Bombaim, por via marítima, não é claro se a polícia local ou a guarda costeira indiana, receberam esta informação. De qualquer forma, não tomaram quaisquer medidas de acordo com a provável ameaça, o que põe em evidência um problema universal – a rápida disseminação de informações, táticas e estratégicas, relevantes para à cautela, se implementarem medidas preventivas de protecção, segurança e defesa.¹¹⁹

Além do decrépito estado geral do policiamento, a Índia, tal como muitos outros países, demonstrou graves lacunas na gestão, partilha e difusão das informações, desde a unidade central de informações até às suas homólogas ao nível de estado.¹²⁰

3.b. Lacunas na Vigilância do Litoral.

Os ataques revelaram a incapacidade da Índia em vigiar e controlar eficazmente a sua costa, uma condição que é comum a muitos Estados ribeirinhos, mesmo em países desenvolvidos. Embora a RAW possuísse informação (aparentemente obtida através de intercepções telefónicas) sobre um eventual ataque terrorista vindo por mar, as medidas que foram tomadas revelaram-se insuficientes para controlar e monitorizar o tráfego marítimo nas imediações de Bombaim.¹²¹

Esta falha parece reflectir a escassez e a qualidade dos equipamentos de vigilância da costa e da guarda costeira: menos de cem embarcações para mais de oito mil quilómetros de costa e poucos meios aéreos operacionais. Embora o governo central tenha reservado recursos para a compra adicional de vinte e seis navios para patrulhar a costa, o Estado de Maharashtra recusou-os, alegando que lhe faltavam os recursos necessários para a sua manutenção.¹²²

3.c Medidas de Defesa Passiva Inadequadas.

Os detectores de metal colocados no terminal ferroviário de Chhatrapati Shivaji revelaram-se pouco fiáveis e, embora os elementos da Força de Protecção Ferroviária (*Railway Protection Force*) estivessem armados, o seu armamento era reduzido (uma arma por cada dois funcionários) e relativamente antiquado.¹²³

O ataque ao terminal ferroviário também ressaltou as limitações desta força em acção directa com terroristas: Embora tivessem capacidade para enfrentar a criminalidade comum, revelaram uma completa falta de formação no confronto com um ataque terrorista bem orquestrado.¹²⁴

3.d. Execução Incompleta dos Protocolos de Resposta.

Embora a polícia local (incluindo a unidade antiterrorista) respondesse de forma relativamente rápida, foram cometidos alguns erros na resposta a este incidente tático-policial que exigiu uma resposta imediata, desde logo por não ser implementado um posto de comando, para o comando e controlo das operações, assim como, o local do incidente tático-policial não foi devidamente limitado e selado, através de um cordão de segurança.¹²⁵

Como os ataques foram em vários locais, concentrados num raio aproximado de três quilómetros, as forças de segurança demonstraram incapacidade em conseguir isolar a área, o que se verificou posteriormente ser um propósito do comando terrorista, com base em experiências anteriores, o que gerou muitas dificuldades na actuação policial e no comando e controlo das operações – lição que se retira da actuação do comando terrorista.¹²⁶

3.e. Problemas no Tempo de Resposta.

O contingente local do exército chegou ao teatro de operações às 02:50 horas, cerca de cinco horas após os primeiros disparos. A primeira unidade especial (os *Marine Commandos* - fuzileiros da marinha indiana) chegou um pouco mais tarde, mas a unidade foi retirada para a retaguarda, sem entrar em acção com qualquer equipa terrorista.¹²⁷

Cerca das 08H50, chegou a elite da Guarda de Segurança Nacional, criada após o assassinato de Indira Gandhi e popularmente conhecidos por gatos negros (*Black Cat Commandos*), formados de acordo com o padrão do *Special Air Service* britânico.¹²⁸

As primeiras operações de busca e salvamento foram montadas cerca de 30 minutos mais tarde, e foi apenas a partir deste momento que os terroristas foram verdadeiramente confrontados e empenhados. A lenta resposta desta unidade foi especialmente notada, porquanto foi criada e está vocacionada para intervir em situações de elevada perigosidade, sendo a primeira força de reacção rápida do país.¹²⁹

Daqui ressaltam dois problemas principais, de organização e logístico:¹³⁰

- Em primeiro lugar, a unidade está sediada a sul de Nova Deli e não tem bases em qualquer outro lugar do país;
- Em segundo, a unidade não possui aeronaves próprias e não pode contar com acesso dedicado à Força Aérea Indiana em situações de emergência.

O único plano que estava disponível para o transporte de duzentos operacionais para Bombaim, era num avião de transporte russo Ilyushin IL-76, contudo estava em Chandigarh, duzentos e sessenta e cinco quilómetros a sul de Nova Deli. Foi ainda necessário acordar o piloto, reunir uma equipa de bordo e abastecer o avião, chegando a aeronave a Deli cerca das 02:00 horas (cinco horas após o início do ataque e com o massacre já consumado) e demorou cerca de três horas e meia para chegar a Bombaim – por comparação, um jacto comercial demora cerca de duas horas.¹³¹

De acordo com vários peritos em contraterrorismo, qualquer força de intervenção ou reacção rápida num incidente terrorista, deve chegar ao teatro de operações, cerca de trinta ou sessenta minutos, após o início do incidente. Em Bombaim, passaram cerca de dez horas.¹³²

3.f. Insuficiente Formação em Contraterrorismo e Inadequado Equipamento para a Polícia Local.

Para gerir efectivamente um incidente terrorista, os elementos afectos à primeira intervenção têm necessidade de dispor de equipamentos adequados e formação para neutralizar ou, pelo menos, conter os terroristas. No entanto, os ataques em Bombaim, demonstraram como a polícia do Estado de Maharashtra estava insuficientemente preparada para controlar um incidente terrorista com esta magnitude.¹³³

Muitos elementos das forças de segurança permaneceram passivos, aparentemente porque tinham um poder de fogo inferior ao do comando terrorista. Os coletes à prova de bala disponíveis, não resistiram às rajadas de AK-47 ou AK-56 (dois lotes falharam testes em 2001 e 2004) e o comandante da unidade anti-terrorista de Maharashtra – Chefe Karkare, morreu junto ao hotel Taj, após três projecteis terem penetrado o colete anti-bala que usava, na zona do peito.¹³⁴

Muitos agentes apenas tinham como protecção, coletes de plástico adequados para restabelecimento e manutenção de ordem pública, mas não para acções terroristas. Os capacetes eram da época da Segunda Guerra Mundial e não foram concebidos para o combate moderno, assim como, a maioria das forças empenhadas nos incidentes estavam armadas com espingardas de repetição, idênticas às utilizadas pelo exército britânico nos anos 1950.¹³⁵

3.g. Limitações dos Bombeiros Municipais e dos Serviços de Emergência.

Os Bombeiros foram lentos na resposta. Não conseguiram coordenar as suas acções com a polícia local, nem com as forças paramilitares, assim possuem equipamentos inadequados.

Estas limitações reforçaram a má qualidade dos serviços municipais da Índia, mesmo numa grande e movimentada metrópole, economicamente vibrante como Bombaim.¹³⁶

3.h. Plano Imperfeito de Libertação dos Reféns.

Em vários aspectos, os planos de resgate de reféns usados pela Guarda de Segurança Nacional para os hotéis Taj Mahal e o Oberoi Trident, tinham falhas graves.¹³⁷

O comando da unidade falhou, inicialmente, ao não montar um Posto de Comando Operacional para coordenar a missão, e posteriormente, com o empenhamento “às cegas” das forças de intervenção no assalto, sem terem um conhecimento prévio de qualquer esboço ou croquis básico, de qualquer um dos edifícios.¹³⁸

Os dois hotéis foram declarados “limpos” quando ainda estavam terroristas por neutralizar; assim como, a “limpeza”, compartimento por compartimento, foi dificultada pela insuficiência de informações sobre o número de reféns detidos e o perfil dos terroristas envolvidos.¹³⁹ A estas dificuldades, acrescenta-se ainda a impossibilidade de se executar um assalto de surpresa, a coberto da escuridão, pela falta de equipamento adequado, como óculos de visão nocturna e sistemas de imagem térmicos.¹⁴⁰

3.i. Deficiente Comunicação Estratégica e Gestão da Informação.

Durante a crise, o governo central e as forças de segurança não conseguiram projectar uma imagem de segurança e controlo da situação, com as palavras “caos” e “paralisia” a serem usadas repetidamente para descrever os eventos. Esta gestão comunicacional foi tão ineficiente e sem precedentes, a qual motivou uma acção judicial contra o governo, considerando os seus promotores que o governo não cumpriu o seu dever constitucional de proteger os cidadãos e defender o seu direito à vida.¹⁴¹

Mais grave ainda foi a violação de protocolos básicos na segurança da informação, ao serem fornecidas informações operacionais vitais aos terroristas. As principais críticas foram

dirigidas a um ministro no primeiro dia da crise, o qual alertou os terroristas, após ter anunciado que duzentos comandos da Guarda Nacional seriam colocados no teatro de operações em duas horas, assim como, quando uma missão de salvamento de reféns poderia ser desencadeada, confirmou que nenhuma unidade operacional tinha sido mobilizada.¹⁴²

Após o ataque, o Governo indiano anunciou uma série de reformas destinadas a fazer face a estas lacunas e vulnerabilidades. Em 11 de Dezembro de 2008, o Ministro do Interior, P. Chidambaram, anunciou várias medidas para melhorar a segurança nacional, incluindo a criação de um Comando Costeiro para garantir a segurança dos 7 483,4496 quilómetros de costa, a criação de 20 escolas de contraterrorismo e unidades regionais permanentes, a criação de uma agência nacional para investigar suspeitas de actividades terroristas, e o reforço da legislação antiterrorista.¹⁴³

Ainda nesta perspectiva, o Parlamento da Índia tomou medidas para tornar algumas destas reformas uma realidade. Em Dezembro a Câmara Baixa da Índia (*Lok Sabha*) aprovou nova legislação anti-terrorismo que seria aprovada no dia seguinte pela Câmara Alta (*Rajya Sabha*), a qual prevê novas competências para os serviços de segurança, incluindo a capacidade de deter suspeitos por seis meses sem acusação. Também prevê a criação de uma Agência Nacional de Investigação com competência para investigar o terrorismo, pesquisar, recolher e tratar a informação. Algumas destas disposições, tais como os longos períodos de detenção sem acusação, têm sido alvo de muitas críticas.¹⁴⁴

Na sequência da incursão de forças paramilitares paquistanesas em 1999, na região de Kargil-Dras, em Caxemira, o governo indiano prometeu promover reformas para evitar, ou tornar menos prováveis, situações análogas no futuro. Muitas destas mudanças foram propostas no Relatório da Comissão de Revisão Kargil,¹⁴⁵ contudo, poucas dessas medidas foram implementadas.¹⁴⁶

Em 5 de Janeiro de 2009, a Índia insatisfeita com a resposta até à data, do Paquistão, difundiu um relatório de sessenta e nove páginas, detalhando os vínculos entre os atacantes de

Bombaim e o Paquistão, o qual foi enviado ao Paquistão para facilitar a procura de indícios do envolvimento paquistanês.¹⁴⁷

A Índia ao montar esta ofensiva diplomática, esperava poder persuadir a comunidade internacional, principalmente os EUA, a agir de forma mais enérgica para influenciar o Paquistão a terminar com o LeT, a Jaish-e-Mohammad (daqui em diante JM), e outros grupos militantes que operam no interior e a partir do Paquistão.¹⁴⁸ Esta estratégia viria a dar frutos, porquanto funcionários indianos afirmaram que os ataques "deviam ter tido o apoio de alguns departamentos oficiais, no Paquistão."¹⁴⁹

4. Implicações

Os atentados em Bombaim colocaram sérias implicações à Índia, Paquistão, Estados Unidos e, em certa medida, à comunidade internacional, apesar de muitas das implicações, para estes actores da cena política internacional, continuarem a ser as mesmas, independentemente do grau de autonomia com que o LeT executou estes ataques, contudo estas implicações podem mudar drasticamente ao ser assumido algum nível de patrocínio estatal.¹⁵⁰

4.a. Índia

O ataque tem uma série de implicações internas e externas para a Índia. No que diz respeito às relações da Índia com o Paquistão, o governo indiano está convencido de que o LeT é patrocinado por entidades do governo paquistanês, como atestam recentes declarações oficiais. As ligações entre o LeT e a Direcção dos Serviços de Informações do Paquistão são bem conhecidas, assim como, os diferentes campos e escritórios do LeT no Paquistão. Além disso, a Índia tem sido vítima de ataques por vários grupos militantes, apoiados e localizados no Paquistão ao longo de décadas. Com a possível excepção dos grupos militantes associados à *Jamaat-Islami*, o chamado *Kashmir tanzeems* foi criado, apoiado, assistido e treinado pelo ISI. Como tal, estes grupos não são estritamente, actores não estatais, mas sim extensões ou antenas do aparelho da *intelligence* estatal.¹⁵¹

O Paquistão após alcançar o estatuto de potência nuclear, fomentou a prossecução de conflitos de baixa intensidade, confiante de que as armas nucleares minimizariam a probabilidade de uma reacção militar indiana.¹⁵²

Na sequência da nuclearização, o conflito infra estatal de baixa intensidade expandiu-se dramaticamente. Em 2001, uma análise do *think tank* norte-americano RAND, acerca da crise Kargil, considerou que a operação foi possível devido à protecção do guarda-chuva nuclear paquistanês, ao garantir que a resposta convencional da Índia seria condicionada.¹⁵³ Do mesmo modo, os grupos que anteriormente estavam limitados ao teatro de operações de Caxemira, na sequência dos ensaios nucleares de 1998, expandiram-se para o *hinterland*¹⁵⁴ da Índia.¹⁵⁵ Desde então realizaram-se vários ataques notáveis:

- Em 2000, o LeT atacou o Forte Vermelho;
- A JM atacou o Parlamento Indiano em 2001;
- O LeT atacou o metro de Bombaim em 2006, entre muitos outros ataques na Índia.

Além disso, em 2000, o LeT lançou a operação *fidayeen* em Caxemira e, desde então, disseminou-a em toda a Índia. Por estas razões, a Índia não tolerou (e provavelmente não irá tolerar) a prevalência da posição paquistanesa acerca deste ataque, considerando que tal como em anteriores ataques, estamos perante acções de actores não estatais que o estado não controla.¹⁵⁶

No futuro próximo, é provável que a Índia continue a ser um alvo dos grupos terroristas sedeados no Paquistão, devido, entre outras coisas, à sua incapacidade (e, de facto, da comunidade internacional) em ‘impor’ ao Paquistão o desmantelamento da infra-estrutura terrorista e conter a expansão da participação de cidadãos indianos na violência islamista, com diferentes níveis de apoio, a partir do Paquistão e Bangladesh¹⁵⁷.

Este ataque destacou também a necessidade de se corrigir inúmeras deficiências na segurança interna da Índia. Existem várias áreas de muito provável e necessária atenção, desde logo, a variação considerável no tamanho, competência e capacidade das várias forças policiais estaduais. No entanto, a Índia tem pouca polícia para a sua população, considerando

especialmente que combate várias insurreições activas, para além dos ataques terroristas, lançados a partir do interior e exterior do país. Ajai Sahni, um conhecido analista de terrorismo em Nova Deli, vem denunciando à muito, o baixo rácio de policia por habitante, cerca de 125 por 100 mil, situação subjacente ao tipo de organização e estrutura policial, na dependência e controlo dos Estados pelo que as forças policiais estaduais variam em capacidade e dimensão. Este valor é quase a metade do ratio recomendado pela ONU para policiamento em situação normal – tempo de paz, muito menos para um país com numerosos focos activos de subversão e terrorismo.¹⁵⁸

Reformas no sector da segurança após os atentados em Bombaim

Após o ataque a Bombaim no final de Novembro de 2008, Alain Rodier¹⁵⁹ perspectivou algumas reformas significativas para superar as deficiências e vulnerabilidade detectadas:¹⁶⁰

- Primeiro, o Secretariado do Conselho de Segurança Nacional (*National Security Council Secretariat*, daqui em diante NSCS), que é o organismo mais elevado de defesa na Índia, deve deixar de ser um refúgio para funcionários aposentados, ali colocados pelas amizades políticas. Devem ser substituídos por executivos e funcionários mais conscientes da evolução da situação actual.
- Reforçar a função do Conselho Consultivo de Segurança Nacional (*National Security Advisory Board* - daqui em diante NSAB) à semelhança de um *think tank*, com capacidade para fornecer estudos adequados para o NSCS e o Conselheiro de Segurança Nacional do Primeiro-Ministro (*National Security Advisor*, daqui em diante NSA). Orientar correctamente a investigação, para responder mais rapidamente e com eficácia às necessidades.
- Criar uma comissão centralizada de informações, responsável pelo acompanhamento permanente das ameaças, especialmente o terrorismo. Na verdade, a Comissão Conjunta de Informações (Joint Intelligence Committee - JIC) criada em 24 de Agosto de 1990 e presidida pelo Secretário do Primeiro-Ministro, reuniu apenas uma vez desde a sua criação.
- Estabelecer uma comissão politicamente independente, com a missão de investigar todos os ataques terroristas sofridos pela Índia desde 2007 (fora de Jammu e Caxemira), para detectar

as falhas e vulnerabilidades que tornaram possíveis tais ataques. Será assistida por uma missão permanente do Intelligence Bureau (serviço de informações interno).

- Nomear para os mais altos cargos de responsabilidade dos serviços de informações, internos (IB) e externos (RAW), da polícia e das forças armadas, peritos experientes em terrorismo e contraterrorismo.

- Criar um centro nacional de contraterrorismo na dependência do Conselho Nacional de Segurança, que centralizaria todas as decisões operacionais necessárias para a gestão de crises deste tipo. À semelhança de um Estado-Maior Conjunto, teria a tarefa de consolidar e analisar as informações recolhidas pelos diversos serviços de informações e desta forma, evitar a dispersão dos esforços e recursos, na sequência da actuação de vários departamentos da polícia, da Unidade Central de Investigação (Central Bureau of Investigation - CBI, no âmbito do Ministério do Interior) e outras agências.

- Valorizar as competências da CBI. Poderia realizar diligências de investigação, sem a obtenção de autorização prévia dos governos estaduais, porque o IB é um serviço de informações que não tem poderes legais necessários para a realização de inquéritos, exames ou conduzir investigações.

- Os chefes do IB e RAW devem ter acesso directo ao Primeiro-Ministro. Se este tivesse sido informado da ausência e ineficiente reacção da Polícia de Bombaim, em face das informações que lhe foram fornecidas, poderia ter dado as ordens necessárias ao ministro do Estado de Maharashtra.

- O IB deve centralizar todas as ligações com os serviços de informações estrangeiros em matéria de terrorismo. Actualmente, esta tarefa é atribuída à RAW.

- Implementar uma base de dados sobre o terrorismo em que tanto o IB e o RAW tenham acesso. Aumentar a capacidade das acções encobertas da RAW no estrangeiro – única organização com autorização para efectuar tais operações.

- A Guarda de Segurança Nacional, cuja missão principal é a intervenção em situações de elevado risco – actos terroristas, tomada de reféns, sequestros, etc., deve especializar-se nestas

intervenções, deixando o serviço de segurança pessoal a altas entidades para outro serviço ou unidade da polícia.

- Pelo menos um batalhão da NSG deve ser atribuído permanentemente, às cidades de Bombaim, Calcutá, Chennai e Bangalore. Contudo, esta dispersão não deverá ser realizada à custa da sua formação específica.

- Rever os procedimentos de emergência e a implantação de unidades da NSG, afectando os meios de transporte adequados, nomeadamente aéreos.

- Implementar na polícia de Bombaim, Calcutá, Chennai e Bangalore, capacidades especiais complementares às da Guarda Nacional de Segurança.

- Alargar a formação de pessoal especializado em negociação e resolução da tomada de reféns, em países amigos, a quadros da polícia e outras autoridades. Neste momento, esta formação é restrita aos funcionários do IB e do RAW.

- Utilizar a experiência dos executivos aposentados do IB e do RAW, partilhando a informação e a sua experiência aos mais jovens.

- Aumentar a capacidade antiterrorista dos postos de polícia localizados em áreas urbanas, mediante a atribuição de um especialista neste domínio.

- Revitalizar a pesquisa de informações pela polícia em locais públicos (estações de comboios, terminais rodo-ferroviários, rodovias, hotéis, aeroportos, etc.), privilegiando o contacto com as pessoas e os diferentes líderes locais. Deve ser ainda desenvolvido um clima de confiança entre as partes e que os responsáveis civis sejam sensibilizados para a ameaça terrorista.

- Erguer uma barreira na fronteira com o Bangladesh.

- Implementar um programa para identificação de imigrantes ilegais, nomeadamente os oriundos do Paquistão e do Bangladesh, com a finalidade de promover a sua expulsão.

- Reforçar as medidas de controlo nas fronteiras, fotocopiando passaportes, verificando os vistos de entrada e as datas de saída, e ainda intensificar a cooperação entre a Marinha e a Guarda Costeira para a monitorização e vigilância da orla costeira.

- Melhorar a segurança das instalações off-shore, das centrais nucleares e das instalações aeroportuárias que podem ser alvo de ataques terroristas.

- Proibir qualquer hotel de acolher cidadãos estrangeiros sem a documentação requerida, assim como, devem ser elaboradas folhas de registo de hóspedes enviadas diariamente para a polícia.

Estas propostas de reformas na Índia, no domínio da luta contra o terrorismo, vão exigir novos meios e sobretudo uma mudança de mentalidade nos responsáveis políticos e do aparelho de segurança. Na verdade, a luta não deve ser confinada à vizinha província do Paquistão e do Bangladesh, mas alargar-se a todo o território. As promoções no âmbito das forças de segurança e das forças armadas devem incidir sobre critérios de competência e não outros. No entanto, perante a situação que prevalece na Índia, estas medidas poderão vir a ter eficácia a longo prazo. Até lá, é provável que outras acções terroristas de grande escala possam ocorrer.¹⁶¹

4.b. Paquistão

Para Bruce Riedel¹⁶², o Paquistão é o país mais perigoso do mundo, onde se misturam vários factores que constituem uma mistura explosiva: terrorismo internacional, proliferação nuclear, ameaça de guerra nuclear, tráfico de droga e uma democracia incipiente.¹⁶³ Podemos ainda acrescentar a preocupante deriva do Paquistão para Estado falhado que se vem acentuando.¹⁶⁴

Relativamente ao ataque a Bombaim, ainda é demasiado cedo para avaliar a completa conexão com o Paquistão, porquanto depende em boa medida, da evolução das respostas dos EUA, da Índia, do próprio Paquistão e das acções domésticas contra a miríade de grupos militantes, e a resposta da comunidade internacional. As consequências para o Paquistão, também serão consideravelmente diferentes, dependendo da extensão das ligações entre o ISI e o LeT, em geral, e a realização da operação em Bombaim em particular. A Índia alega que foi necessária a participação dos serviços secretos do Paquistão para a execução do ataque. O primeiro-ministro Singh disse, “existem provas suficientes para mostrar que, dada a sofisticação e precisão militar do ataque, ele deve ter tido apoio de alguns órgãos oficiais, no Paquistão”.¹⁶⁵

Responsáveis indianos e norte-americanos acreditam que o actual governo civil do Paquistão não controla a estratégia dos militares (ou do ISI) relativamente aos grupos militantes que operam no interior e a partir do Paquistão. Perante tal cenário, a maioria dos analistas paquistaneses acredita que a melhor esperança para o Paquistão é civilizar lentamente, ou seja, incrementar e exercer progressivamente o controlo civil, sobre os militares e os serviços de informações, mas são poucos os optimistas em que tal possa, ou venha a ocorrer a curto prazo. Isto coloca um desafio aos Estados Unidos, à Índia, e à comunidade internacional, na forma de exercer, a curto prazo, uma pressão selectiva sobre os militares e os serviços de informações, sem desestabilizar o frágil governo do Paquistão.¹⁶⁶

Se o LeT opera com um certo grau de cumplicidade entre as forças militares e os serviços de informações, o ataque a Bombaim coloca uma série de implicações perturbadoras:¹⁶⁷

- Em primeiro lugar, sugere que atacar a Índia com o objectivo de a enfraquecer, continua a ser a ambição de, pelo menos, alguns elementos essenciais e com responsabilidade na estrutura de segurança paquistanesa;

- Em segundo lugar, teria sido um propósito para desvanecer as políticas do Governo na aproximação com a Índia e na luta contra os extremistas nas áreas tribais, assim como, os esforços dos Estados Unidos para intervir na doutrina e formação do Exército Paquistanês. Nesta perspectiva, o ataque pode ter sido planeado para gerar uma resposta militar indiana e aliviar as operações impopulares ao longo da fronteira com o Afeganistão.

Por último e mais importante para os Estados Unidos, será a persistência das ligações entre os serviços de informações paquistaneses e algumas entidades militares com grupos, como o LeT, sugerindo que não podem ser parceiros fiáveis e de segurança. Se o LeT realizou o ataque sem o aval dos militares ou dos serviços de informações paquistaneses, o grupo poderá ter aderido às fileiras de outros grupos militantes que outrora foram satélites do Paquistão, mas actualmente são, em certa medida, cada vez mais hostis. Por exemplo, após 2002, a Jaish-e-Mohammad dividiu-se em duas facções, uma favoreceu como alvos, o Paquistão e os seus aliados ocidentais e a outra, continuou a cooperar com o Estado paquistanês, pelo que poderá o Paquistão estar actualmente, a ser uma vítima dos grupos que criou.¹⁶⁸

Embora seja duvidoso que o LeT tenha voltado as costas aos seus antigos protectores, tal não é impossível, pois tem importantes fontes externas de financiamento e actualmente é menos dependente do ISI do que no passado – o grupo pode ter decidido que os benefícios em trabalhar com o ISI, cumprindo as suas orientações não justificava as restrições impostas nas suas operações. Por outro lado, o ataque a Bombaim, vai permitir expandir o recrutamento e a obtenção de fundos, assim como, a cooperação mais estreita entre o LeT e a Al-Qaeda no Afeganistão, poderá ter decidido que se atingisse a aliança de “cruzados, sionistas e hindus”.¹⁶⁹

A julgar pelas declarações do presidente Zardari e o atraso na resposta à crise pelo governo paquistanês, se este for relutante em encerrar as actividades do LeT e a sua organização de fachada, a Jamaat ul-Dawa (JuD), o mais provável, é ser constrangido a fazê-lo pelo Exército ou pelos serviços de informações. Em 17 de Dezembro de 2008, o Presidente Zardari negou a credibilidade das provas que diziam que o único atacante sobrevivente, Ajmal Qasab, era paquistanês, apesar da admissão do próprio pai de Qasab. Em 07 de Janeiro de 2009, o Conselheiro Nacional de Segurança Mahmood Durrani, foi demitido porque indicou durante uma entrevista à CNN que os atacantes tinham raízes no Paquistão. O porta-voz do Primeiro-Ministro, Imran Gardaizi, explicou que foi demitido porque “deu entrevistas sobre questões de segurança nacional, sem consultar o primeiro-ministro”. Apesar dos desmentidos defendidos pelo governo, este tem empreendido uma série de medidas tardias contra o LeT, assim como foi extremamente relutante na proibição do JuD, mas prometeu fazê-lo após o Conselho de Segurança das Nações Unidas (com o apoio da China) ter proscrito o grupo e o considerar uma organização terrorista - Resolução 1267¹⁷⁰ do Conselho de Segurança da ONU.¹⁷¹

Em 11 de Dezembro de 2008, o Paquistão colocou finalmente o líder do JuD, Hafiz Mohammad Saeed, sob prisão domiciliária e encerrou nove escritórios da organização em Lahore, Karachi, Hyderabad, Peshawar e Mansehra, ligado ao ataque a Bombaim, incluindo ainda *Qudsia Jamia Masjid* – o escritório principal do JuD em Lahore. Contudo não é claro se a polícia terá tomado qualquer medida para encerrar a sede do JuD em Muridke.¹⁷²

Saeed foi previamente colocado sob prisão domiciliária só para ser libertado. Algumas notícias alegaram falta de segurança para impor a sua prisão domiciliária e, um jornal referiu mesmo que se assemelharam a umas “férias forçadas”.¹⁷³

Finalmente, em 13 de Dezembro de 2008, o Paquistão proibiu o JuD. No entanto, foram surgindo notícias sugerindo que o JuD se terá reorganizado novamente sob uma nova fachada. Esta resposta lenta do Paquistão permite várias explicações, as quais poderiam estar em jogo, em certa medida, porquanto parte da administração de segurança paquistanesa, provavelmente, ainda poderá visualizar a organização como um activo valioso, em certa medida e, por último, se o governo entender que estes grupos ameaçam o Paquistão e a região, como não controla o aparelho de segurança, tem uma capacidade limitada para suprimir estes grupos, sem tornar vulnerável, a sua própria manutenção no poder.¹⁷⁴

Estes são tempos perigosos", disse recentemente Muinuddin Haidar, um antigo ministro do Interior paquistanês. Não se referia apenas ao ataque à academia de Polícia, em Lahore, mas também, ao bombista suicida que matou setenta fiéis numa mesquita, perto da fronteira afegã e à emboscada à equipa nacional de críquete do Sri Lanka, no princípio do mês de Março que causou oito mortes. "É quase uma guerra."¹⁷⁵

Este tipo de operação, em comando organizado, é um novo patamar de terrorismo, representando uma escalada nas formas praticadas no Paquistão, nomeadamente o usual bombista ou missão suicida, o que justifica a afirmação que o Paquistão se está a tornar um país onde o pior, normalmente, acontece. Como exemplo deste paradigma, no passado dia 03 de Março do corrente ano, um autocarro onde seguia a selecção de críquete do Sri Lanka que se deslocou ao Paquistão no lugar da indiana, numa visita de solidariedade, foi emboscado na baixa de Lahore. Este foi o primeiro grande ataque a uma equipa desportiva internacional desde que militantes palestinos mataram atletas israelitas nas Olimpíadas de 1972, em Munique.¹⁷⁶

O segundo ataque, com estas características, aconteceu na academia de polícia paquistanesa em Manawan, perto da cidade de Lahore (leste). O ataque começou às sete horas (menos

quatro em Portugal) do dia 30 de Março de 2009 e envolveu, segundo a polícia paquistanesa, dez a doze terroristas. Os terroristas armados com espingardas automáticas, granadas e explosivos, uns encapuzados e outros vestidos de polícias, executaram um ataque de surpresa que fez lembrar o atentado contra a equipa de críquete do Sri Lanka, tendo como finalidade a carnificina, de acordo com o exército paquistanês.¹⁷⁷

4.c. Os Estados Unidos

O ataque a Bombaim veio demonstrar as insuficiências dos esforços dos EUA, na gestão dos seus interesses de segurança no Paquistão e na região. Como é conhecido, na fase inicial da então designada “guerra contra o terrorismo”, os Estados Unidos concentraram os seus esforços na manutenção da cooperação do Paquistão na perseguição à Al-Qaeda.

Esta estratégia resultava da convicção dos Estados Unidos na derrota dos taliban, pelo que até 2007, não pressionaram o Paquistão a cooperar nesta luta. Este renovado interesse, resultou em grande medida, do ressurgimento dos taliban em 2005, o qual foi facilitado e potenciado pelos santuários que os talibãs e outros grupos extremistas desfrutavam nas áreas tribais do Paquistão. Washington aplicou apenas uma pressão ligeira sobre o Paquistão para eliminar os grupos que operavam na região de Caxemira, onde se insere o LeT e, de acordo com um assessor bem colocado na Administração Bush, mesmo colocar o grupo na lista de organizações terroristas estrangeiras, foi um desafio porque a administração estava preocupada com a reacção do exército paquistanês.¹⁷⁸

Num esforço para garantir a cooperação do Paquistão no combate global contra o terrorismo, os Estados Unidos concentraram as suas energias e recursos nas Forças Armadas do Paquistão. Em contrapartida, garantiram o acesso ao solo paquistanês para o apoio e abastecimento logístico (o que ultimamente tem sido dificultado, devido a vários ataques realizados na região de Peshawar¹⁷⁹) bem como o acesso a bases navais e aéreas para a realização da Operação Liberdade Duradoura. O Paquistão também colocou um número significativo de forças militares e paramilitares, ao longo da fronteira com o Afeganistão, onde têm sido empenhadas

em operações, com sucesso variado, contra militantes extremistas considerados uma ameaça para o Estado.

No essencial, as políticas dos EUA não têm garantido um amplo compromisso do Paquistão para eliminar os militantes baseados no Paquistão. Líderes taliban e chefes militares como, Jallaluddin Haqqani, Gulbuddin Hekmatyar, e Baitullah Meshud que reivindicou o ataque à academia de polícia paquistanesa em Manawan¹⁸⁰, entre outros, continuam a operar livremente a partir de solo paquistanês, com total impunidade, e muitos acreditam que os militares paquistaneses e o ISI, os apoiam activamente. Igualmente alarmante, têm sido os ataques do LeT a forças da OTAN nas regiões afegãs de Kunar e Nuristan, pelo menos desde 2007, para além das operações que decorrem contra a Índia, realizadas por uma série de grupos baseados no Paquistão.¹⁸¹

4.d. A Comunidade Internacional

O LeT demonstrou com o ataque a Bombaim, que tem capacidade e vontade em internacionalizar os objectivos e assumir um papel mais importante no vasto panorama da *jihad* global. Como alguns dos outros grupos militantes no Paquistão, acredita-se que o LeT tenha consideráveis apoios na diáspora paquistanesa, levantando uma série de preocupações aos países com comunidades paquistanesas, como a nossa vizinha Espanha e a Grã-Bretanha. Mais do que nunca, a Índia e os seus aliados precisam de implementar ligações mais estreitas e sólidas em matéria de defesa e segurança, especialmente contra o terrorismo.

No futuro próximo e a manter-se o actual *status quo*, o Paquistão continuará a ser um destino de treino, para todos os indivíduos que se radicalizem e pretendam obter formação em campos de treino de grupos militantes, constituindo uma ameaça e um desafio permanente à comunidade internacional. O governo indiano, com sucesso, conseguiu que as Nações Unidas tomassem medidas contra o LeT e os seus principais dirigentes, apesar das Nações Unidas poderem ter pouco impacto sobre a capacidade de acção do grupo. Para tal, o voto da China foi necessário para garantir a aprovação, país que desde há muito tempo, tem sido um parceiro fiável do Paquistão, e cujo sentido de voto poderá ter algum impacto em Islamabad.¹⁸²

5. Conclusão

Pelo exposto, podemos afirmar que a Índia continuará a enfrentar uma grave ameaça *jihadista*, de grupos terroristas internos e externos sediados no Paquistão. No entanto, a Índia não tem opções militares que produzam efeitos a nível estratégico, sem um risco significativo de uma resposta militar do Paquistão, assim como, as políticas da Índia e dos Estados Unidos parecem não ter capacidade para reduzir significativamente a ameaça no curto a médio prazo. A ameaça continuará latente e provavelmente aumentará, havendo inevitavelmente, inspiração e ensinamentos no ataque a Bombaim, como salientou Bruce Riedel.

Os santuários nas áreas tribais, situados ao longo da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, região designada por alguns especialistas como “Al-Qaedistão”¹⁸³, continuam a funcionar como bases de retaguarda por excelência para os grupos terroristas (por exemplo Abu Zoubeida, um veterano da Al-Qaeda foi detido em Julho de 2006, num reduto do LeT em Faisalabad, Paquistão), pois permitem aos líderes terroristas recrutar, seleccionar e treinar os seus operacionais, assim como, facilitam as tarefas de planeamento e execução de operações complexas, como o ataque a Bombaim.¹⁸⁴

A nível estratégico, esta operação salientou a importância do combate às fontes transnacionais do terrorismo islamista na Índia, tarefa sempre extremamente difícil, e que implica a reavaliação dos pressupostos da política da comunidade internacional com o Paquistão. A focalização sobre o Paquistão, neste caso, não deve obscurecer a probabilidade de os atacantes terem recebido assistência local ou ainda que os recentes atentados terroristas na Índia, possam ter sido, total ou parcialmente, planeados e executados por cidadãos indianos, relevando um dos principais objectivos dos terroristas – a radicalização local –, o que é e continuará a ser um grande desafio político e social para a Índia.¹⁸⁵

Os ‘cérebros’ do atentado terrorista a Bombaim demonstraram um sofisticado pensamento estratégico na escolha dos alvos e das táticas, o qual parece ter sido concebido para atingir um conjunto de objectivos políticos. Revelaram uma notável capacidade de inovação e

adaptação tática, face às circunstâncias, – o que torna este grupo terrorista, particularmente perigoso e conseqüentemente, dificulta o planeamento e a adopção de medidas de segurança.

Uma das lições mais importantes a retirar desta operação terrorista é a importância do ataque com armas de fogo, do tipo guerrilha urbana. Enquanto o ‘mundo do contraterrorismo’ se concentrava quase exclusivamente em explosivos, este ataque demonstrou que um ataque com armas de fogo, apesar de não provocar um número de baixas tão elevado, como um atentado à bomba, é uma tática eficaz e, capaz de provocar um caos prolongado num meio urbano.¹⁸⁶

A retórica *jihadista* tem afirmado e o ataque a Bombaim demonstrou, inequivocamente, que a sua determinação é maximizar o impacto psicológico dos atentados, pelo que podemos perspectivar que futuros ataques, visarão tanto alvos simbólicos ou emblemáticos, em locais de grande concentração de pessoas, com o objectivo de provocar um elevado número de vítimas e prejuízos económicos.

Desde os ataques contra alvos de elevado perfil – mas permeáveis em termos de segurança – que permitiam planear e executar ataques, relativamente simples e baratos, estes locais continuarão a ser alvos em ataques futuros, porque a sua protecção coloca desafios complexos, difíceis e particularmente sensíveis, até porque, muitos dos edifícios mais antigos e simbólicos da Índia, não foram projectados e construídos com preocupações de segurança, ou estão em locais demasiado expostos.

A falha do sistema de informações, o inadequado equipamento e treino antiterrorista da polícia local, o atraso na intervenção dos ‘gatos negros’, um plano de libertação de reféns imperfeito e com lacunas, a deficiente comunicação e gestão da informação, contribuíram para uma resposta pouco eficiente. Estas vulnerabilidades e deficiências sugerem a necessidade de uma melhor coordenação entre as várias forças e serviços de segurança, a nível nacional e local, assim como, o reforço da capacidade de resposta das unidades de primeira intervenção para incidentes tático-policiais de elevado risco. A menos que a Índia possa melhorar a qualidade, o funcionamento e a coordenação do seu sistema de segurança interna, ela permanecerá muito vulnerável à penetração *jihadista* e a ataques terroristas.¹⁸⁷

A resiliência e a mutabilidade do LeT constituem verdadeiros motivos de preocupação. A maioria dos grupos terroristas não tem capacidade para sobreviver dez anos em operações, contudo, o LeT ao longo da sua existência, tem crescido em dimensão e capacidade, apesar das proibições dos EUA e do Paquistão, bem como da conseqüente pressão exercida sobre os grupos terroristas, após os atentados de 11 de Setembro de 2001, nos EUA. Conseguiu adaptar-se às mudanças do ambiente político no Paquistão (passagem de democracia a ditadura e regresso à democracia), e tem-se vindo a transformar numa organização com extensas actividades filantrópicas, sem perder a sua capacidade de realizar actos terroristas fora do Paquistão.

Bombaim ilustrou a sua capacidade de planeamento e recolha de informações em ambiente hostil. Detalhes táticos específicos do ataque, como por exemplo o rebentamento de um elevador, a fim de obterem cobertura dentro do eixo do elevador, indicam o nível de profissionalismo que atingiram¹⁸⁸. O próprio *modus operandi* do ataque (um desembarque anfíbio) coloca o LeT, em termos de inovação, num patamar idêntico ao dos Tigres Tamil.

Por último mas não menos importante, a ambição da liderança do LeT. Mesmo que a sua agenda tenha sido absorvida pela Al-Qaeda, aspiram alcançar o estatuto de “libertadores” e não aceitam actuar como segundos violinos numa orquestra maior, pelo que devemos estar atentos e preparados para mais ataques deste grupo.¹⁸⁹ Esta ambição global do LeT é citada no londrino *The Telegraph*, o qual refere que fontes dos serviços de informações ocidentais afirmaram que o LeT tinha uma lista de trezentos e vinte objectivos em todo o mundo e apenas vinte se situam na Índia - dados recolhidos no correio electrónico de Zarar Shah, o responsável pelas comunicações do LeT, que se encontra preso no Paquistão.¹⁹⁰

Os atentados de Bombaim e a sua espectacular eficácia têm a marca da Al-Qaeda. Com a experiência dos ataques ao hotel Serena em Cabul – Afeganistão e ao hotel Marriott em Islamabad – Paquistão, a Al-Qaeda continua a marcar a agenda política internacional, matando cidadãos ocidentais – de preferência israelitas, americanos ou ingleses – e em locais de luxo e cheio de correspondentes, porque se eliminar cidadãos locais, ‘ninguém’ quer saber. O terrorista inteligente sabe o que nos aterroriza, mobiliza e emociona.¹⁹¹

Um coronel, antigo comandante do *Special Air Service* britânico, disse que o Reino Unido não tem a quantidade suficiente de forças antiterroristas em Londres, ou noutras cidades importantes, para enfrentar um ataque terrorista, simultaneamente em vários locais, de uma forma sequencial e com elevado dinamismo, como aconteceu em Bombaim.¹⁹² Recentemente, peritos em segurança referiram que ataques idênticos aos de Bombaim, constituem uma grande ameaça para os hotéis de luxo britânicos – os quais são muito vulneráveis –, pelo que deverão reforçar as suas medidas de segurança, à semelhança dos aeroportos.¹⁹³

Entretanto, algures, os terroristas vão experimentando e aferindo a nossa capacidade e qualidade de resposta, tendo conseguido, infelizmente, quase sempre surpreender-nos.

E em Portugal?

6. Cronologia do Ataque (hora local)¹⁹⁴

26 Novembro 2008 (quarta-feira)

21:00 O comando terrorista desembarca em Bombaim, na doca de Sasson.

21:20 Tiroteio no exterior do Hotel Oberoi Trident, em Nariman Point, zona sul de Bombaim. Os terroristas deslocam-se para Nariman House, onde controlam o Centro Chabad Lubavich.

21:30 Tiroteio no exterior do Café Leopold, Colaba, zona sul Bombaim, cerca de 100 metros atrás do hotel Taj Mahal Palace.

21:40 Tiroteio próximo do café Bade Miyan (atrás do hotel Taj Mahal).

21:45 Terroristas entram no hall do Hotel Taj e disparam indiscriminadamente. Tiroteio no interior do Terminal Ferroviário Chhatrapati Shivaji de Bombaim.

22:30 Tiroteio na sede Municipal da *Corporation of Greater Bombaim*, portão 2, no lado oposto ao Terminal Ferroviário.

22:35 Tiroteio no Hospital Gokuldas, próximo do Terminal Ferroviário.

22:40 Tiroteio no Hospital Cama & Albles, próximo da Terminal Ferroviário.

22:50 Tiroteio no Cinema multiplex Metro.

23:00 Explosão de um táxi em Vile Parle, devido ao rebentamento de um dos engenhos explosivos improvisado deixados pelos terroristas - zona norte de Bombaim.

23:00 Explosão de um táxi em Mazgaon (Byculla) devido ao segundo engenho explosivo improvisado deixado pelos terroristas).

23:10 Duas explosões na rua Napean Sea, na zona sul de Bombaim.

23:30 Explosão em Dhobi Talao.

27 Novembro 2008 (quinta-feira)

00:30 Tiroteio após uma viatura da polícia ter sido roubada em Dhobi Talao.

01:00 Grande explosão no Hotel Taj, possivelmente causado por duas granadas.

02:00 O Exército chega ao Hotel Taj.

03:00 Irrompe um grande incêndio no Hotel Taj.

09:15 Forças de segurança chegam ao Hotel Oberoi Trident e iniciam o assalto.

10:30 Forças de segurança iniciam buscas, compartimento por compartimento no Hotel Taj.

17:30 Forças da Guarda de Segurança Nacional (NSG) chegam ao complexo de Nariman House. Helicópteros iniciam a vigilância aérea.

28 Novembro 2008 (sexta-feira)

07:30 Forças da NSG assaltam Nariman House.

11:00 Termina a operação no Hotel Oberoi Trident, com a libertação dos reféns.

11:00 Forças da NSG informam a limpeza da secção nova do Hotel Taj.

13:00 Forças de segurança indianas relatam que 30 pessoas morreram no Hotel Taj.

18:00 Informação do fim da operação em Nariman House. No entanto, a estação NDTV informa que um piso ainda não foi limpo.

19:45 Todas as forças da NSG saem de Nariman House. Não foi encontrado nenhum sobrevivente.

29 Novembro de 2008 (sábado)

04:30 Ouvem-se tiros e explosões no Hotel Taj.

07:30 Incêndio irrompe nos andares inferiores do Hotel Taj.

08:50 Fim das operações no Hotel Taj, segundo a polícia indiana.

NOTAS:

¹ Major de Infantaria da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

² O nome português tradicional da capital do estado indiano de Maharashtra é Bombaim. É a forma registada por Rebelo Gonçalves no *Vocabulário da Língua Portuguesa*, publicado em 1966 e ainda hoje a principal referência para a fixação da grafia de cada palavra dentro das regras e princípios do Acordo Ortográfico de 1945. Mas a história deste topónimo é mais antiga e, parece estar estreitamente ligada à forma *Mumbai*, que na Índia e no mundo de língua inglesa passou a ser o nome oficial dessa cidade indiana. Cfr. ROCHA, Carlos, «Bombaim ou Mumbai?», *Ciber Dúvidas da Língua Portuguesa*, 05/12/2008, consultado em 29/03/2009, disponível em <http://www.ciberduvidas.com/idioma.php?rid=1997>. J.P. Machado refuta uma explicação alternativa para o nome, sem bases científicas, segundo a qual Bombaim seria uma *corruptela* do português *Bom Bahia* ou *Boa Bahia*. Esta confusão teria levado ingleses pouco sabedores de português a suporem a presença dessa palavra no topónimo, pelo que o português Bombaim se transformou no inglês *Bombay*. Machado, José Pedro, "Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa", Livros Horizonte, 2003, verbete "Bombaim", volume I, pp. 265-266.

³ REINARES, Fernando, «Bombay, 26 al 29 de Noviembre: Estamos ante una Innovación Contagiosa en el Terrorismo Global», Real Instituto Elcano, Madrid, ARI n.º 156/2008, consultado em 19/01/2009, disponível em http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/Elcano_es/Zonas_es/Terrorismo+Internacional/ARI156-2008.

⁴ DURAPHE, Ashok T., «The Final Report – Mumbai Terror Attack Cases», Mumbai, 25/02/2009, consultado em 09/04/2009, disponível em <http://www.hindu.com/nic/mumbai-terror-attack-final-form.pdf>.

⁵ RABASA, Angel, [et. al.], «The Lessons of Mumbai», Estados Unidos da America, RAND Corporation OP249, 2009, consultado em 20/01/2009, disponível em http://www.rand.org/pubs/occasional_papers/2009/RAND_OP249.pdf.

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ DURAPHE, Ashok T., *op. cit.*

⁸ RABASA, Angel, [et. al.], *op. cit.*

⁹ RODIER, Alain, «Guérilla Urbaine à Bombay», *RAIDS* n.º 272, Paris, Janeiro 2009, pp. 20 a 22.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Para mais informação cfr. «Pakistan – Karachi's Madrasas and Violent Extremism», International Crisis Group, Asia Report N.º 130, 29/03/2007, disponível em http://www.crisisgroup.org/library/documents/asia/south_asia/130_pakistan_karachi_s_madrasas_and_violent_extremism.pdf.

¹³ FERREIRA, Leonídio Paulo, «Ódio dos Fanáticos do Islão Contra a Índia de Abdul Kalam», *Diário de Notícias*, Lisboa, 16/07/2006, consultado em 10/03/2009, disponível em http://dn.sapo.pt/2006/07/16/opiniao/o_odio_fanaticos_islao_contra_a_indi.html.

¹⁴ XAVIER, Constantino, «Porquê a Índia?», *Público*, Lisboa, 30/11/2008, consultado em 14/01/2009, pág. 16.

¹⁵ RABASA, Angel, [et. al.], *op. cit.*

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ NAVES, Luís, «Terroristas atacam centros turísticos da antiga Bombaim», *Diário de Notícias*, Lisboa, 27/11/2008, consultado em 15/01/2009, disponível em http://dn.sapo.pt/2008/11/27/internacional/terroristas_atacam_centros_turistico.html.

¹⁸ RABASA, Angel, [et. al.], *op. cit.*

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ Para mais informação cfr. FARIA, José Augusto do Vale, *Jornal Defesa e Relações Internacionais*, Lisboa, 26, 27 e 28/03/2008, acessível em http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=578 e Universidade Federal de Juiz de Fora, 28/03/2008, disponível em <http://www.defesa.ufjf.br/Arq/Art721.htm>.

²¹ RODIER, Alain, *op. cit.*

²² Idem, *ibidem*.

²³ Idem, *ibidem*.

²⁴ MORAIS, Abel Coelho de, «O Terrorista de Bombaim é uma “Vítima”», *Diário de Notícias*, Lisboa, 18/04/2009, pág. 34, consultado em 18/04/2009.

²⁵ NELSON, Dean, HENDERSON, Barney, «Gunmen Had Elite Training ‘from Pakistan’ - India says the killers were among 500 schooled by special forces», *The Sunday Times*, Londres, 07/12/2008, consultado em

10/12/2008, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5298993.ece> e RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

²⁶ Para mais informação cfr. HOBBSAWM, Eric, «Globalização, Democracia e Terrorismo», Editorial Presença, Lisboa, Janeiro de 2008, pág. 113.

²⁷ REINARES, Fernando, op. cit.

²⁸ Idem, ibidem.

²⁹ Rogeiro, Nuno, «Em fila Indiana», Jornal de Notícias, Porto, 28/11/2008, consultado em 30/11/2008, acessível em <http://jn.sapo.pt/Opinio/default.aspx?opinio=Nuno%20Rogeiro>.

³⁰ «Pakistan Link to Mumbai Attacks Evident: Obama's Adviser», The Times of India, Nova Deli, 06/12/2008, consultado em 10/01/2009, disponível em http://timesofindia.indiatimes.com/India/Pakistan_link_to_Mumbai_attacks_evident_Obamas_adviser/articleshow/3798295.cms.

³¹ Consultor de contra-terrorismo e relações internacionais. Membro da *Foundation for the Defense of Democracies* e fundador do jornal electrónico *O Croissant* (www.thecroissant.com).

³² Para mais informação cfr. GUITTA, Olivier, «Mumbai: Islamist Terror's New Modus Operandi», Middle East Times, Washington, 01/12/2008, consultado em 28/03/2009, disponível em http://www.metimes.com/International/2008/12/01/mumbai_islamist_terrors_new_modus_operandi/7185/.

³³ Metrópole é um termo que pode designar a cidade principal ou capital de um determinado país ou província, ou ainda, alguma cidade que, por algum motivo, exerce influência (cultural, social, económica) sobre as demais cidades da região metropolitana. Pode designar, também, de forma oficial, a cidade principal de um conjunto de cidades que se encontram unidas geograficamente. A esse processo de junção das cidades devido ao crescimento horizontal das mesmas, dá-se o nome de “conurbação”. E à região onde existe a conurbação, chama-se “*região metropolitana*”. Megalópole é o aglomerado (conurbação) de várias metrópoles ou regiões metropolitanas como, por exemplo, a faixa que se estende pela costa norte-americana desde Boston a Washington e compreende Nova York, Filadélfia e Baltimore, constituindo a maior megalópole do mundo. Cfr. INFOESCOLA, «Megalópole», Brasil, consultado em 25/03/2009, disponível em <http://www.infoescola.com/geografia/metropole-e-megalopole/>.

³⁴ Idem, ibidem.

³⁵ BUNCOMBE, Andrew, «The Making of a Cold-blooded Killer», The Independent, Londres, 06/12/2008, consultado em 15/01/2009, disponível em <http://www.independent.co.uk/news/world/asia/the-making-of-a-coldblooded-killer-1054435.html>.

³⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

³⁷ RODIER, Alain, op. cit..

³⁸ DURAPHE, Ashok T., op. cit..

³⁹ Idem, ibidem.

⁴⁰ RODIER, Alain, op. cit..

⁴¹ VIEGAS, Patrícia, «Atentados Foram Planeados em Karachi», Diário de Notícias, Lisboa, 02/12/2008, consultado em 05/01/2009, disponível em http://dn.sapo.pt/2008/12/02/internacional/atentados_foram_planeados_karachi.html.

⁴² Rodier, Alain, op. cit..

⁴³ DURAPHE, Ashok T., op. cit..

⁴⁴ Idem, ibidem.

⁴⁵ BLAKELY, Rhys, «India Investigates 'Terrorist Mothership'», The Times, Londres, 28/11/2008, consultado em 30/12/2008, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5249754.ece>.

⁴⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit e DURAPHE, Ashok T., op. cit..

⁴⁷ Idem, ibidem.

⁴⁸ Para mais informação cfr. BLAKELY, Rhys, «Bombay attacks: 'They were very young, like boys really'», The Times, Londres, 27/11/2008, consultado em 15/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5240992.ece>.

⁴⁹ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁵⁰ BLAKELY, Rhys, «Father of Mumbai gunman, Azam Amir Kasab, 'paid by terrorists to hand him over'», The Times, Londres, 02/12/2008, consultado em 15/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5272189.ece>.

⁵¹ FIGUERAS, Amanda, «Investigadores de Bombay quieren drogar al terrorista capturado para que confiese», El Mundo, Madrid, 04/12/2008, consultado em 15/03/2009, disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2008/12/04/internacional/1228347652.html>.

⁵² «À Bombay, 1.000 Euros pour Devenir un Martyr», Le Point, França, 04/12/2008, consultado em 21/01/2009, disponível em <http://www.lepoint.fr/actualites-monde/minute-par-minute-a-bombay-1-000-euros-pour-devenir-un-martyr/924/0/296871>.

⁵³ FIGUERAS, Amanda, op. cit..

⁵⁴ AGENCIAS, «Así eran los Terroristas de Bombay», El Mundo, Madrid, 09/12/2008, consultado em 25/02/2009, disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2008/12/09/internacional/1228844367.html?a=52033a1068c7d80c11fdf43611543699&t=1228848273>.

⁵⁵ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit..

⁵⁶ Idem, ibidem.

⁵⁷ DURAPHE, Ashok T., op. cit..

⁵⁸ RODIER, Alain, op. cit..

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰ DURAPHE, Ashok T., op. cit..

⁶¹ WORTH, Robert F., «Indian Police Name 2 More Men as Trainers and Supervisors of Mumbai Attackers», The New York Times, Nova Iorque, 10/12/2008, consultado em 12/02/2009, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/12/11/world/asia/11mumbai.html?fta=y>.

⁶² Idem, ibidem.

⁶³ Esteróides ou anabolizantes, como são mais conhecidos, são substâncias produzidas para substituírem a hormona masculina testosterona, fabricado pelos testículos. Ajudam no crescimento dos músculos (efeito anabólico) e no desenvolvimento das características sexuais masculinas como: pelos, barba, voz grossa etc. (efeito androgénico). São usados como medicamentos para tratamento de pacientes que não produzem quantidade suficiente de testosterona. Os esteróides anabólico-androgénicos (EAA) são um grupo de compostos naturais e sintéticos formados pela testosterona e seus derivados. A testosterona é sintetizada desde 1935 e durante a 2ª Guerra Mundial foi utilizada pelas tropas alemãs para aumentar a agressividade dos soldados. O seu uso terapêutico até esta época restringia-se ao tratamento de pacientes queimados, deprimidos ou em recuperação de grandes cirurgias. Nos anos 1950, foi utilizada sob forma oral e injectável no tratamento de alguns tipos de anemia, em doenças com perda muscular, bem como em pacientes pós-cirúrgicos para diminuir a atrofia muscular secundária. Em 1939 foi sugerido que a sua administração poderia melhorar a performance de atletas, mas a primeira referência ao uso de hormonas sexuais para melhorar o desempenho de atletas ocorreu em 1954, num campeonato de halterofilismo em Viena. Para mais informação cfr. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, «Esteróides», Brasil, consultado em 18/03/2009, disponível em

http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_drogas/esteroides_anabolizantes.htm. e LISE, M.L.Z.; SILVA, T.S. da Gama e; FERIGOLO, M.; BARROS, H.M.T., «O abuso de esteróides anabólico-androgénicos em atletismo», Revista da Associação Médica Brasileira, vol.45 n.º 4, São Paulo, Setembro-Dezembro de 1999.

⁶⁴ A cocaína é uma substância psico-estimulante extraída das folhas de uma planta originária da América do Sul, popularmente chamada coca (Erythroxylon coca). Considerada uma “planta divina” pelos Incas, as mais antigas folhas de coca foram descobertas na região do Peru em 2500 – 1800 a.C. No século XIX, na Europa, a cocaína era vendida em farmácias como tónico e anestésico. No século XX tornou-se uma substância ilícita, devido aos efeitos prejudiciais nos consumidores. Mecanismo de Acção: a substância actua no cérebro modificando a comunicação entre os neurónios. A intensidade dos seus efeitos é maior quando utilizada por via endovenosa (injectada) ou inalada (fumada). Quando fumada, os seus primeiros efeitos ocorrem em 10 a 15 segundos, enquanto pela via injectada, entre 3 e 5 minutos. Pela via aspirada (cheirada) surge após 10 a 15 minutos. Para mais informação cfr. OBID, Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas, «Cocaína», consultado em 15/02/2009, disponível em

http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/index.php?id_conteudo=11330&rastro=INFORMA%C3%87%C3%95ES+SOBRE+DROGAS%2FTipos+de+drogas/Coca%C3%ADna.

⁶⁵ O LSD (ácido lisérgico dietilamida), também chamado de ácido, pills, cones ou trips é uma droga com acção alucinogénia ou psicadélica. A dietilamida do ácido lisérgico é sintetizada clandestinamente a partir da cravagem de um fungo do centeio (*Claviceps purpúrea*). Pode apresentar a forma de barras, cápsulas, tiras de gelatina, micro pontos ou folhas de papel secante (como selos ou autocolantes), sendo que uma dose média é de 50 a 75 microgramas. É consumido por via oral, absorção sub-lingual, injectada ou inalada. Esta substância age sobre os sistemas neurotransmissores serotoninérgicos e dopaminérgicos. Para além disso, inibe a actividade dos neurónios do rafe (importantes a nível visual e sensorial). Não são conhecidas utilizações terapêuticas desta

substância. Para mais informação cfr. PsicoGlobal - Serviços de Psicologia, Porto, consultado em 15/02/2009, disponível em http://www.psicologia.com.pt/instrumentos/drogas/ver_ficha.php?cod=lsd.

⁶⁶ Cfr. MCELROY, Damien, «Mumbai attacks: Terrorists took cocaine to stay awake during assault - Terrorists who battled Indian commandos for 60-hours last week relied on cocaine and other stimulants to stay awake for the duration of the fight», The Telegraph, Londres, 02/12/2008, consultado em 20/12/2008, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3540964/Mumbai-attacks-Terrorists-took-cocaine-to-stay-awake-during-assault.html>, e FIGUERAS, Amanda, «Investigadores de Bombay quieren drogar al terrorista capturado para que confiese», El Mundo, Madrid, 04/12/2008, consultado em 15/03/2009, disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2008/12/04/internacional/1228347652.html>.

⁶⁷ Idem, ibidem.

⁶⁸ KARTHIKEYA, Raja, «Lashkar-e-Taiba: a profile» Open Democracy, Londres, 05/12/2008, consultado em 10/03/2009, acessível em http://www.opendemocracy.net/india/article/raja_karthikeya/lashkar-e-taiba_profile_mumbai_attacks.

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ Idem, ibidem.

⁷¹ MOGHADAM, Assaf, «The Globalization of Martyrdom – Al Qaeda, Salafi Jihad, and the Diffusion of Suicide Attacks», The Johns Hopkins University Press, Baltimore – Mayland, Estados Unidos da América, pág. 270.

⁷² RODIER, Alain, op. cit..

⁷³ KARTHIKEYA, Raja, op. cit..

⁷⁴ Idem, ibidem.

⁷⁵ Para mais informação cfr. ROGGIO, Bill, «US hits Taliban safe house in North Waziristan», The Long War Journal, Estados Unidos da América, 22/11/2008, consultado em 23/03/2009, disponível em http://www.longwarjournal.org/archives/2008/11/us_hits_taliban_safe.php; KHAN, Ismail, PERLEZ, Jane, «US Strike in Pakistan Kills British Militant», The New York Times, Nova Iorque, 22/11/2008, consultado em 23/03/2009, disponível em http://www.nytimes.com/2008/11/23/world/asia/23rauf.html?_r=1&ref=world e «Hitting al-Qaeda - US attacks on militants in Pakistan have proved selective and effective», The Times, Londres, 24/11/2008, consultado em 23/03/2009, disponível em http://www.timesonline.co.uk/tol/comment/leading_article/article5218644.ece.

⁷⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit e DURAPHE, Ashok T., op. cit..

⁷⁷ Idem, ibidem.

⁷⁸ Idem, ibidem.

⁷⁹ Idem, ibidem.

⁸⁰ Para mais informação sobre este fenómeno cfr. MELO, António Miguel Pereira, «Carjacking», Revista da Guarda Nacional Republicana – Pela Lei e Pela Grei, Lisboa, n.º 80, Outubro-Dezembro 2008, pp. 58 a 61.

⁸¹ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit e DURAPHE, Ashok T., op. cit..

⁸² CALVO, José Luis, «Atentados en Bombay: novedades preocupantes», Espanha; Athena Intelligence – Assesment n.º 13/08, 03/12/2008, consultado em 15/02/2009, acessível em <http://athenaintelligence.org/a132008.pdf> e RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁸³ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁸⁴ KARTHIKEYA, Raja, op. cit..

⁸⁵ ROGGIO, Bill, «Analysis: Mumbai attack differs from past terror strikes», 28/11/2008, consultado em 15/03/2009, disponível em http://www.longwarjournal.org/archives/2008/11/analysis_mumbai_atta.php.

⁸⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁸⁷ Idem, ibidem.

⁸⁸ Idem, ibidem.

⁸⁹ MUJAHEDIN é o plural em árabe, de *mujahid*, ou seja, combatentes da jihad ou da «guerra santa». Diversos grupos islamistas atribuíram-se a si próprios a designação de *mujahedin*, sobretudo no Irão e no Afeganistão. LOPES, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, pág. 63.

⁹⁰ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁹¹ Idem, ibidem.

⁹² Idem, ibidem.

⁹³ GALLAGHER, Ian, «'I was told to kill to my last breath': Captured terrorist's account of Mumbai massacre reveals plan was to kill 5,000», The Daily Mail, Londres, 30/11/2008, consultado em 15/01/2009, disponível em

<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1090546/I-told-kill-breath-Captured-terrorists-account-Mumbai-massacre-reveals-plan-kill-5-000.html>.

⁹⁴ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁹⁵ Para mais informação cfr. MCELROY, Damien, «Mumbai attacks: Jews tortured before being executed during hostage crisis - Israeli hostages killed by Islamic terrorists during the attacks on Mumbai (formerly Bombay) were tortured by their captors before they were bound together and killed, according to officials in both countries», The Telegraph, Londres, 02/12/2008, consultado em 15/12/2008, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3539171/Mumbai-attacks-Jews-tortured-before-executed-during-hostage-crisis.html> e ROBBINS, Liz, HEALY, Jack, «Brooklyn Couple Killed in Attacks», New York Times, Nova Iorque, 28/11/2008, consultado em 15/12/2008, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/11/29/nyregion/28chabad-2.html?ref=world>.

⁹⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

⁹⁷ Idem, ibidem.

⁹⁸ Idem, ibidem.

⁹⁹ «Alvos foram símbolos da cidade luxuosa e cosmopolita», Público, Lisboa, 28/11/2008, pág. 4.

¹⁰⁰ Idem, ibidem.

¹⁰¹ RODIER, Alain, op. cit..

¹⁰² Idem, ibidem.

¹⁰³ Idem, ibidem.

¹⁰⁴104 «Alvos foram símbolos da cidade luxuosa e cosmopolita», op. Cit..

¹⁰⁵ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁰⁶ Para mais informação sobre as relações Indo-Israelitas cfr. KUMARASWAMY, P.R., «India and Israel – Evolving Strategic Partnership», Begin-Sadat Center for Strategic Studies – Bar-Ilan University, Israel, Mideast Security and Policy Studies, n. 40, Setembro 1998, consultado em 04/04/2009, disponível em <http://www.biu.ac.il/Besa/publications/40pub.html>.

¹⁰⁷ «Alvos foram símbolos da cidade luxuosa e cosmopolita», op. cit..

¹⁰⁸ Para mais informação cfr. MCELROY, Damien, «Mumbai attacks: Terrorists monitored British websites using BlackBerry phones», The Telegraph, Londres, 28/11/2008, consultado em 15/01/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3534599/Mumbai-attacks-Terrorists-monitored-coverage-on-UK-websites-using-BlackBerry-phones-bombay-india.html> e DURAPHE, Ashok T., op. cit..

¹⁰⁹ «Phone Transcripts of Mumbai Attacks Indicate Gunmen Not Acting Alone», Fox News, 07/01/2009, consultado em 21/01/2009, disponível em <http://www.foxnews.com/story/0,2933,477424,00.html> e «Phone Transcripts of Mumbai Attacks Indicate Gunmen Not Acting Alone», Fox News, 07/01/2009, consultado em 21/01/2009, disponível em <http://www.foxnews.com/story/0,2933,477424,00.html>.

¹¹⁰ O jornal indiano *The Hindu*, difundiu este dossier em três partes, disponível em <http://www.hindu.com/nic/mumbaiattacksevidence-1.pdf>.

¹¹¹ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹¹² Idem, ibidem.

¹¹³ Idem, ibidem.

¹¹⁴ RIEDEL, Bruce, op. cit..

¹¹⁵ HOBBSAWM, Eric, op. cit., pág. 121.

¹¹⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹¹⁷ MORAIS, Abel Coelho de, op. cit..

¹¹⁸ MCELROY, Damien, «Mumbai attacks: US intelligence warned India a strike from Pakistani group was planned US intelligence passed warnings to India that Pakistan-based terrorists would infiltrate its territory by sea to attack Mumbai (formerly Bombay) landmarks, including the Taj Mahal hotel, officials have told American television.», The Telegraph, Londres, 02/12/2008, consultado em 05/01/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3541587/Mumbai-attacks-US-intelligence-warned-India-a-strike-from-Pakistani-group-was-planned.html>.

¹¹⁹ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹²⁰ Idem, ibidem.

¹²¹ Idem, ibidem.

¹²² Idem, ibidem.

¹²³ Idem, ibidem.

¹²⁴ Idem, ibidem.

-
- ¹²⁵ MCELROY, Damien, «Mumbai Attacks: Foreign Governments Criticise India's Response», The Telegraph, Londres, 28/11/2008, consultado em 20/01/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3533279/Mumbai-attacks-foreign-governments-criticise-Indias-response.html>.
- ¹²⁶ WORTH, Robert F., «Lack of Preparedness Comes Brutally to Light», The New York Times, Nova Iorque, 03/12/2008, consultado em 08/01/2009, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/12/04/world/asia/04lapses.html?ref=world>, pág. A14.
- ¹²⁷ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- ¹²⁸ RAHMAN, Maseeh, «Biggest test yet for Black Cats, Elite Unit Modeled on SAS», The Guardian, Londres, 29/11/2008, consultado em 06/01/2009, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2008/nov/29/mumbai-terror-attacks-terrorism3>.
- ¹²⁹ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit..
- ¹³⁰ Idem, ibidem.
- ¹³¹ SUNDARJI, Padma Rao, «India's Lack of Preparedness Raised Mumbai Death Toll», McClatchy Newspapers, Estados Unidos, 03/12/2009, consultado em 15/02/2009, disponível em <http://www.mcclatchydc.com/100/story/57012.html>.
- ¹³² SUNDARJI, Padma Rao, op. cit..
- ¹³³ Para mais informação cfr. WORTH, Robert F., «Lack of Preparedness Comes Brutally to Light», The New York Times, Nova Iorque, 03/12/2008, pág. A14, consultado em 10/01/2009, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/12/04/world/asia/04lapses.html?ref=world>.
- ¹³⁴ BLAKELY, Rhys, «Top anti-terrorism officer in Bombay was a specialist in 'encounter killings'», The Times, Londres, 28/11/2008, consultado em 19/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5248495.ece>.
- ¹³⁵ Para mais informação cfr. PAGE, Jeremy, «Outgunned Mumbai Police Hampered by First World War Weapons», Times, Londres, 03/12/2008, consultado em 20/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5276283.ece>.
- ¹³⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- ¹³⁷ «Israel - India's Rescue Efforts 'Premature and Badly Planned'», The Times, Londres, 28/11/2008, consultado em 05/12/2008, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5249585.ece>.
- ¹³⁸ Para mais informação cfr. «Mumbai terror attacks: Commando describes Taj Mahal siege», The Telegraph, Londres, 01/12/2008, consultado em 16/01/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3537891/Mumbai-terror-attacks-Commando-describes-Taj-Mahal-siege.html>.
- ¹³⁹ PAGE, Jeremy, FRENKEL, Sheera, «Indian Home Minister forced to quit amid public fury at defence failings», The Times, Londres, 01/12/2008, consultado em 23/01/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5260632.ece>.
- ¹⁴⁰ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- ¹⁴¹ SENGUPTA, Somini, «Mumbai Attacks Politicize Long-Isolated Elite», The New York Times, Nova Iorque, 06/12/2008, consultado em 20/03/2009, disponível em <http://www.nytimes.com/2008/12/07/world/asia/07india.html?partner=rss>.
- ¹⁴² MCELROY, Damien, BEDI, Rahul, «Mumbai attacks: India accused of bungling anti-terror operation», The Telegraph, Londres, 28/11/2008, consultado em 25/02/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/india/3534349/Mumbai-attacks-India-accused-of-bungling-anti-terror-operation-bombay-india.html>.
- ¹⁴³ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- ¹⁴⁴ Idem, ibidem.
- ¹⁴⁵ Para mais informação cfr. Kargil Review Committee's Recommendations - Annex B, disponível em <http://mod.nic.in/newadditions/annexb.pdf>.
- ¹⁴⁶ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- ¹⁴⁷ Para mais informação cfr. «Mumbai Attacks Evidence» The Hindu Times, disponível em <http://www.hindu.com/nic/mumbaiattacksevidence-1.pdf>.
- ¹⁴⁸ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.
- ¹⁴⁹ WARRICK, Joby, DEYOUNG, Karen, «CIA Helped India, Pakistan Share Secrets in Probe of Mumbai Siege», The Washington Post, Washington, 16/02/2009, consultado em 25/02/2009, disponível em

<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2009/02/15/AR2009021501957.html>.

¹⁵⁰ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁵¹ Idem, ibidem.

¹⁵² RANA, Javed, «O Perigo de uma Guerra Nuclear», Expresso, 1º caderno, Lisboa, 29/11/2008, pág. 39.

¹⁵³ Para mais informação cfr. «The War on Terrorism - Phase2, Home and Abroad» RAND, Washington, Março de 2002, disponível em <http://www.rand.org/congress/terrorism/phase2/phase2.pdf>.

¹⁵⁴ Hinterland, palavra alemã que significa terras do interior. Espaço situado atrás de uma região costeira, mais precisamente de um porto. LACOSTE, Yves, «Dicionário de Geografia – Da Geopolítica às Paisagens», Teorema, Lisboa, Setembro de 2005, pág. 210. Também significa Área de Influência – área ou região circundante sobre o qual um lugar central exerce a sua força atractiva e polarizadora. GARRIDO, Dulce, COSTA, Rui, «Dicionário Breve de Geografia», Editorial Presença, Lisboa, Setembro de 1996, pp. 21 e 85.

¹⁵⁵ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁵⁶ Idem, ibidem.

¹⁵⁷ MACÍAS, Miguel Ángel Gayo, «Pakistán Implica a Bangladesh en los Atentados de Bombay», El Mundo, Madrid, 06/02/2009, consultado em 11/02/2009, disponível em

<http://www.elmundo.es/elmundo/2009/02/06/internacional/1233929203.html>.

¹⁵⁸ Para mais informação cfr. RABASA, Angel, [et. al.], op. cit e SAHNI, Ajai, «Mumbai: The Uneducable Indian», South Asia Intelligence Review, India, 01/12/2008, consultado em 25/03/2009, disponível em <http://www.ict.org.il/NewsCommentaries/Commentaries/tabid/69/Articlsid/540/currentpage/3/Default.aspx>.

¹⁵⁹ Alain Rodier é um antigo oficial superior dos serviços de informações franceses. Actualmente é director de pesquisa de informações (CFR2) relativamente ao terrorismo de origem islâmica e a criminalidade organizada transnacional. É autor de numerosos artigos sobre estes temas em revistas especializadas - RAIDS, La lettre Sentinel, etc..

¹⁶⁰ RODIER, Alain, «Reformes Sécuritaires Suite à l'Attaque de Bombay», Raids 273, Paris, Fevereiro 2009, pp. 20 e 21.

¹⁶¹ RODIER, Alain, op. cit.

¹⁶² Antigo agente da CIA, Bruce Riedel centra-se na transição política, terrorismo e a resolução de conflitos. Foi um conselheiro para três presidentes dos EUA, para as áreas do Médio Oriente e Sul da Ásia. Actualmente, a pedido do presidente Obama está a presidir a uma comissão inter-agências, com o objectivo de rever a política para o Afeganistão e o Paquistão. É autor do livro *The Search for al Qaeda: Its Leadership, Ideology, and Future*.

¹⁶³ RIEDEL, Bruce, «A Nightmare We Cannot Afford in the 21st Century», Der Spiegel, Berlim, 08/12/2008, consultado em 21/01/2009, disponível em

<http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,595148,00.html>.

¹⁶⁴ Para mais informação cfr. SANTOS, José Loureiro dos, «Obama e o Imbróglgio Estratégico Indo-paquistanês» Público, Lisboa, 05/12/2008, pág. 47. HIGUERAS, Georgina, «“Pakistán Será un Estado Fallido en Seis Meses si Sigue la Actual Deriva”», El País, Madrid, 24/03/2009, consultado em 28/03/2009, disponível em http://www.elpais.com/articulo/internacional/Pakistan/sera/Estado/fallido/meses/sigue/actual/deriva/elpepuint/20090324elpepiint_2/Tes.

¹⁶⁵ «Text of Prime Minister's address at the Chief Ministers' Conference on Internal Security», Press Information Bureau, Mumbai - India, 06/01/2009, consultado em 04/04/2009, disponível em

<http://pibmumbai.gov.in/scripts/detail.asp?releaseId=E2009SP2>.

¹⁶⁶ Para mais informação cfr. SCHMITT, Eric, SENGUPTA, Somini, «Ex-US Official Cites Pakistani Training for India Attackers», The New York Times, 03/12/2008, consultado em 05/12/2009, disponível em

http://www.nytimes.com/2008/12/04/world/asia/04india.html?_r=1&ref=world e, RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁶⁷ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁶⁸ Idem, ibidem.

¹⁶⁹ Idem, ibidem.

¹⁷⁰ DURAPHE, Ashok T., op. cit..

¹⁷¹ «Pakistan Fires National Security Adviser», The Independent, Londres, 08/01/2009, consultado em 11/01/2009, disponível em <http://www.independent.co.uk/news/world/asia/pakistan-fires-national-security-adviser-1232428.html> e RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁷² RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁷³ Idem, ibidem.

¹⁷⁴ Idem, ibidem.

¹⁷⁵ USHER, Graham, «Ataque à Academia de Polícia em Lahore acabou ao fim de oito horas com 18 mortos», Público, Lisboa, 31/03/2009, pág. 12.

¹⁷⁶ Para mais informação cfr. USHER, Graham, «Atentado contra equipa de críquete do Sri Lanka teve a marca dos ataques de Bombaim», Público, Lisboa, 04/03/2009, pág. 14.

¹⁷⁷ Para mais informação cfr. RAPOSO, Lumena, «Operação terrorista faz 12 mortos em academia de polícia», Diário de Notícias, Lisboa, 31/03/2009, consultado em 04/04/2009, disponível em http://dn.sapo.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1186143&seccao=%C1sia, e GASPAR, José Miguel, «Comando terrorista faz carnificina no Paquistão», Jornal de Notícias, Porto, 31/03/2009, consultado em 04/04/2009, disponível em http://jn.sapo.pt/paginainicial/Mundo/interior.aspx?content_id=1186181.

¹⁷⁸ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁷⁹ Para mais informação cfr. Jeremy, PAGE, «Islamists Launch Quickfire Strikes on US and Nato Supply Chain», The Times, Londres, 08/12/2008, consultado em 25/03/2009, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article5305958.ece>.

¹⁸⁰ ROGGIO, Bill, «Baitullah Mehsud takes Credit for Pakistan Attacks, Threatens US», The Long War Journal, Estados Unidos da América, 31/03/2009, consultado em 12/04/2009, disponível em http://www.longwarjournal.org/archives/2009/03/baitullah_mehsud_tak.php.

¹⁸¹ Idem, ibidem.

¹⁸² Idem, ibidem.

¹⁸³ SANTOS, José Loureiro dos, «É urgente pôr fim ao "Al-Qaedaistão"», Público, Lisboa, 28/11/2007.

¹⁸⁴ AHSAN, M. H., «How The Taliban Prepare For Battle?», Useless Knowledge Magazine, Milwaukee, Estados Unidos, 23/05/2007, consultado em 02/04/2009, disponível em <http://www.useless-knowledge.com/1234/07may/article100.html>.

¹⁸⁵ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.

¹⁸⁶ Idem, ibidem.

¹⁸⁷ Idem, ibidem.

¹⁸⁸ Idem, ibidem.

¹⁸⁹ Para mais informação cfr. TELLIS, Ashley J., «Terrorists Attacking Mumbai Have Global Agenda - Pakistan's LeT, not as well known as Al Qaeda, threatens India, the West and even Pakistan», Yale Global, 08/12/2008, disponível em <http://yaleglobal.yale.edu/display.article?id=11695>.

¹⁹⁰ «Mumbai terrorists 'had 320 targets around world' - Lashkar-e-Taiba, the terrorist group accused of the attacks on Mumbai, had drawn up a list of 320 targets around the world, it has been claimed», The Telegraph, Londres, 20/02/2009, consultado em 16/03/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/pakistan/4734051/Mumbai-terrorists-had-320-targets-around-world.html>.

¹⁹¹ ALVES, Clara Ferreira, «O terrorista inteligente», Expresso - Única, Lisboa, 06/12/2008, pág. 144 – Sábado, consultado em 04/01/2009, disponível em <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?sid=ex.secti,ons/23495>.

¹⁹² Para mais informação cfr. RAYMENT, Sean, «Britain unprepared for Mumbai-style attack, former head of SAS says», The Telegraph, Londres, 29/11/2008, consultado em 09/04/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/3535668/Britain-unprepared-for-Mumbai-style-attack-former-head-of-SAS-says.html>.

¹⁹³ HOPE, Christopher, «British hotels are vulnerable to Mumbai-style attacks, anti-terrorist officers warn», The Telegraph, Londres, 20/03/2009, consultado em 20/03/2009, disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/newstoppers/politics/defence/5023968/British-hotels-are-vulnerable-to-Mumbai-style-attacks-anti-terrorist-officers-warn.html>.

¹⁹⁴ RABASA, Angel, [et. al.], op. cit.